

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**  
**CAMPUS DE BACABAL**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SOCIOLOGIA**

**LAÍS CRYSTINA DE MOURA VIEIRA**

**O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL E A TRÍADE ENSINO, PESQUISA E  
EXTENSÃO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O GRUPO PET CIÊNCIAS  
NATURAIS NA UFMA CAMPUS III- BACABAL**

**BACABAL**

**2020**

LAÍS CRYSTINA DE MOURA VIEIRA

**O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL E A TRÍADE ENSINO, PESQUISA E  
EXTENSÃO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O GRUPO PET CIÊNCIAS  
NATURAIS NA UFMA CAMPUS III- BACABAL**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas com ênfase em Sociologia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para a obtenção de grau de licenciatura em Ciências Humanas - Sociologia.

Orientador:  
Prof. Dr. Meubles Borges Júnior

**BACABAL**

**2020**

**LAÍS CRYSTINA DE MOURA VIEIRA**

**O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL E A TRÍADE ENSINO, PESQUISA E  
EXTENSÃO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O GRUPO PET CIÊNCIAS  
NATURAIS NA UFMA CAMPUS III- BACABAL**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas com ênfase em Sociologia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para a obtenção de grau de licenciatura em Ciências Humanas - Sociologia.

Orientador:  
Prof. Dr. Meubles Borges Júnior

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Meubles Borges Júnior (Orientador UFMA)

---

Prof. Dr. Wheriston Silva Neres (UFMA)

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria José dos Santos (UFMA)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço infinitamente a minha mãe, que apoiou a minha inserção no ensino superior, me incentivou e me permitiu continuar esse caminho, não poderia ter alicerce melhor nessa jornada, e não cabe nessas linhas o tamanho da minha gratidão.

As minhas amigas e companheiras de curso, Joice e Vanessa, por me ajudarem e motivarem em momentos difíceis dentro da graduação, pelos momentos de alívio e parceria nas atividades que surgiam ao longo do curso.

Ao grupo PET Ciências Naturais Campus Bacabal, onde aprendi a colaborar coletivamente e entendi o sentido de se desenvolver o ensino, a pesquisa e a extensão na graduação, e principalmente agradeço por viabilizar a construção desta monografia, sendo tema deste trabalho.

Ao corpo docente da Universidade Federal do Maranhão pela ajuda no meu desenvolvimento acadêmico durante as aulas e projetos desenvolvidos durante o percurso do curso.

Agradeço, por fim, ao meu orientador Prof. Dr. Meubles Borges Júnior, pela paciência e dedicação na orientação, por ter me ajudado direcionando a minha pesquisa e escrita neste trabalho monográfico.

## RESUMO

O presente trabalho monográfico tem como objetivo compreender a concepção de petianos ativos e egressos do grupo PET Ciências Naturais campus Bacabal sobre os aspectos da efetivação de atuação do grupo. Nesse sentido, buscou-se de maneira geral identificar e entender as dinâmicas que envolvem o trabalho do grupo quanto à organização, relações, formação, a conexão com a tríade acadêmica e comunidade na óptica da experiência dos pesquisados. Para tal efeito, esta monografia está baseada em uma pesquisa documental, que contextualiza a pesquisa de campo e direciona aspectos de criação e objetivos iniciais deste grupo PET na UFMA de Bacabal, e realizou-se ainda a aplicação de questionário para a obtenção das informações que caracterizam este estudo de caso. Esta pesquisa parte da concepção de que o PET é um elemento essencial para a efetivação da tríade Ensino, Pesquisa e Extensão dentro das Universidades Federais, o que torna necessário entender as nuances de trabalho destes grupos em seus contextos específicos, como é caso do grupo Ciências Naturais, do Campus de Bacabal da UFMA. Para tanto, o tema é discutido a partir de eixos que se ligam, sendo eles: a exploração de alguns apontamentos históricos e conceituais sobre a tríade Ensino, Pesquisa e Extensão; o contexto de origem de institucionalização do PET e suas caracterizações a nível nacional; e por fim, tenta-se analisar como o petianos efetivos e egressos do PET Ciências Naturais entendem o contexto caracterizador deste grupo. Como conclusão principal, tem-se que o grupo PET Ciências Naturais em sua dinâmica e características são essenciais à formação dos discentes da UFMA campus Bacabal, seja pelo caráter formativo global, seja pela aproximação efetiva do trabalho desenvolvido com a comunidade. Portanto, o PET enquanto fortalecedor da formação na universidade tem sua finalidade alcançada, apesar dos desafios presentes na em sua concretização.

**Palavras-chave:** Ensino, Pesquisa e Extensão. Programa de Educação Tutorial. PET Ciências Naturais.

## ABSTRACT

The present monographic work aims to understand the conception of active Petians and graduates of the group PET Sciences Natural Campus Bacabal on the aspects of the effectiveness of the group's performance. In this sense, it was sought in general to identify and understand the dynamics that involve the group's work in terms of organization, relationships, training, the connection with the academic triad and the community from the perspective of the respondents' experience. For this purpose, this monograph is based on documentary research, which contextualizes the field research and directs aspects of creation and initial objectives of this PET group at UFMA in Bacabal, and a questionnaire was also applied to obtain the information that characterize this case study. This research starts from the conception that PET is an essential element for the effectiveness of the Teaching, Research and Extension triad within Federal Universities, which makes it necessary to understand the nuances of work of these groups in their specific contexts, as is the case of the Sciences group From the UFMA Bacabal Campus. To this end, the theme is discussed based on connected axes, namely: the exploration of some historical and conceptual notes on the Teaching, Research and Extension triad; the context of the institutionalization of PET and its characterizations at national level; and finally, an attempt is made to analyze how effective Petians and graduates of PET Natural Sciences understand the context that characterizes this group. As a main conclusion, it is clear that the group PET Natural Sciences in its dynamics and characteristics are essential to the training of students at the UFMA Bacabal campus, either because of its global formative character or because of the effective approach of the work developed with the community. Therefore, PET as a strengthening tool for university training has its purpose achieved, despite the challenges present in its implementation.

**Keywords:** Teaching, Research and Extension. Tutorial Education Program. PET Natural Sciences.

## **LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS**

ANDES-SN – Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior (nomenclatura antiga);

ANDES – Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior

(nomenclatura atual);

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior;

CF – Constituição Federal;

CCCN – Coordenação do Curso de Ciências Naturais;

CPC – Centro Popular de Cultura;

CFE – Conselho Federal de Educação;

DEPEM – Departamento de Modernização e Programas da Educação Superior;

FORPROEX – Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras;

IES – Instituição de Ensino Superior;

LDB – Lei de Diretrizes e Bases;

MCP – Movimento de Cultura Popular;

MEB – Movimento de Educação de Base;

MEC – Ministério da Educação;

PET – Programa Especial de Treinamento (nomenclatura antiga);

PET – Programa de Educação Tutorial (nomenclatura atual);

SESu – Secretaria de Educação Superior;

SESu/MEC – Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação;

SECAD - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade;

SIGPET - Sistema de Informações Gerenciais do Programa de Educação Tutorial;

UFMA – Universidade Federal do Maranhão;

UNE – União Nacional de Estudantes;

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>1 SOBRE O ENSINO, A PESQUISA E A EXTENSÃO.....</b>	<b>11</b>
1.1 Alguns Apontamentos Históricos .....	11
1.2 Dos Conceitos de Ensino, Pesquisa e Extensão .....	18
1.3 A Indissociabilidade e o Desafio da Efetivação da Tríade nas Universidades.....	22
<b>2 O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL .....</b>	<b>26</b>
2.1 Origem e Instituição do PET .....	26
2. 2 Elementos Caracterizadores do PET a Nível Nacional .....	32
<b>3 O PET CIÊNCIAS NATURAIS CAMPUS BACABAL – ESTUDO DE CASO .....</b>	<b>37</b>
3.1 Elementos Constitutivos do PET Ciências Naturais Campus Bacabal.....	37
3. 2 Os Pesquisados .....	39
3. 2. 1 Impressões e Relações .....	40
3. 2. 2 Planejamento, Desenvolvimento e Dificuldades .....	45
3. 2. 3 Ações e o Ensino, Pesquisa e Extensão .....	51
3. 2. 4 Contribuições Formativas e Experiências Adquiridas .....	55
3. 2. 5 O Grupo PET e a comunidade que se insere .....	58
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>61</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>64</b>
<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA COM OS INTEGRANTES DO GRUPO PET .....</b>	<b>68</b>

## INTRODUÇÃO

A consolidação da tríade ensino, pesquisa e extensão, base fundamental das universidades federais brasileiras, é um desafio constante dentro das instituições. Ao se pensar sobre a problemática de sua efetivação se torna necessário refletir sobre um dos caminhos que estas instituições de ensino superior possuem para fortalecer a indissociabilidade dessa tríade no processo formativo dos discentes, o Programa de Educação Tutorial.

A concepção obrigatória deste princípio é respaldada na legislação brasileira, constituindo-se em um eixo fundamental das universidades federais a partir da Constituição Federal (CF) de 1988. Esse caráter tridimensional forma um modelo complexo pela impossibilidade da dissociação entre as dimensões ensino, pesquisa e extensão, ao mesmo tempo em que sua efetivação dentro das universidades não deve ocorrer de forma desigual.

Este princípio da indissociabilidade norteia a qualidade universitária enquanto produtora de conhecimento científico e formadora do profissional, “[...] reflete um conceito de qualidade do trabalho acadêmico que favorece a aproximação entre universidade e sociedade, a autorreflexão crítica, a emancipação teórica e prática dos estudantes e o significado social do trabalho acadêmico” (CÉSAR, 2013, p. 19).

Entretanto, a articulação igualitária destes pilares nem sempre se concretiza efetivamente dentro destas instituições tendo como consequência a violação deste princípio básico. A construção conjunta dessas competências ainda tem difícil realização, tornando-se um preceito mais teórico do que prático no dia a dia acadêmico. E, ao ferir esta norma legal, torna-se um problema muito mais amplo visto que o entendimento sobre a tríade ensino, pesquisa e extensão, não é limitada a sua concepção conceitual e legislativa, mas seu fundamento para além dessas questões, é paradigmática, epistemológica e político-pedagógica, pois se relaciona profundamente com a função da universidade no Brasil, e está entranhada na história da educação brasileira (CÉSAR, 2013; TAUCHEN, 2009).

Esta condição de dissociação se reflete na vida acadêmica já que a inconstância ou inexistência de um dos eixos da trílice ensino, pesquisa e extensão pode acarretar uma má formação acadêmica, na falta de autorreflexão e criticidade, além da possível separação da comunidade acadêmica com a sociedade de modo geral, onde deve ocorrer a conciliação da teoria produzida dentro das universidades e a realidade das problemáticas sociais.

Nessa perspectiva, a qualidade da formação acadêmica e produção científica decai, pois deixa de enfatizar o seu diferencial ao romper a associação entre a mediação do conhecimento,

a produção de novos conhecimentos e a propagação do conhecimento para a sociedade. Filadelfi *et al* (2018, p. 38) ponderam que “[...] somente um terço ou pouco mais das universidades brasileiras apresentam as condições e infraestrutura necessárias para a real prática desse princípio, as quais incluiriam, pelo menos, pós-graduação consolidada, titulação acadêmica e regime de trabalho em tempo integral”, sem estas condições as universidades ficam menos aptas a concretizarem as atividades pertinentes à consolidação da tríade.

Silva e Resende (2017) apontam alguns fatores que interferem na viabilidade da concretização da tríade acadêmica nas universidades federais como o acúmulo de funções pelos docentes dentro das universidades, o número excessivo de orientandos, a falta de preparação dos docentes, a exigência do mercado acadêmico em relação a publicações, falta de investimento, entre outros pontos.

Em decorrência das dificuldades de se estabelecer a realização efetiva do princípio ensino, pesquisa e extensão a característica essencial da universidade é perdida e a qualidade do conhecimento produzido pela universidade também é afetada, assim como sustenta Sleutjes (1999, p. 110) ao afirmar que “no momento em que se dissociar o ensino da pesquisa e da extensão, a universidade estará fragilizada, pois o ensino e a pesquisa são elementos que, quando intimamente relacionados, aumentam de forma concreta a produção de conhecimento”.

Portanto, existe uma necessidade de se buscar formas para a efetivação da tríade, visando o fortalecimento dos princípios da base universitária. Nesse contexto, o Programa de Educação Tutorial (PET) é um meio de garantir esta efetivação, pois tem em sua premissa desenvolver práticas que fortaleçam a qualificação da formação discente baseando-se na tríade ensino pesquisa e extensão.

O PET pode ser entendido como um programa de desenvolvimento a longo prazo institucionalizado por Lei, realizado “em Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e particulares de todos os estados brasileiros. Foi criado para apoiar atividades acadêmicas que integram ensino, pesquisa e extensão, por meio de grupos tutoriais de aprendizagem” (BALAUROQUE, 2012, p. 21).

No que tange à concretização de ações que visam a consolidação da tríade universitária, o PET é um importante programa para viabilização, promovendo uma formação discente mais ampla e qualificadora, além de auxiliar no desenvolvimento da capacidade de trabalho em equipe. Carvalho *et al.* (2018, p. 32) afirmam que o Programa de Educação Tutorial “[...] possibilita uma formação global do aluno, tendo em vista a deficiência deste tripé nas atividades regulares dos cursos de graduação”.

Nessa perspectiva, este trabalho monográfico tenciona realizar uma pesquisa, com abordagem qualitativa através de um estudo de caso, utilizando a pesquisa documental e aplicação de questionário para levantamento de dados sobre o trabalho do grupo PET Ciências Naturais, localizado na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus III/Bacabal. Objetiva-se assim, compreender a sistematização do grupo através dos arranjos envolvidos na sua efetivação, a partir da óptica de petianos ativos e egressos.

Este trabalho tem sua estrutura dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo discute-se a tríade acadêmica, nesse sentido, aponta-se a inserção dos pilares ensino, pesquisa e extensão dentro da universidade brasileira até a sua obrigatoriedade prevista em Lei, a diferenciação dos termos ensino pesquisa e extensão, e assinala-se os desafios para a manutenção da tríade acadêmica.

No segundo capítulo, aborda-se o contexto da constituição do Programa de Educação Tutorial, onde são apontados os aspectos da criação do programa desde o seu surgimento até sua institucionalização através de lei, e ainda se discorre sobre os elementos caracterizadores do PET a nível nacional.

No terceiro capítulo, tem-se a discussão do estudo de caso sobre o PET Ciências Naturais Campus Bacabal. Far-se-á a caracterização do PET Ciências Naturais, através de pesquisa documental, onde são abordados elementos sobre a criação do grupo. Logo após, através de dados do questionário aplicado com egressos e petianos ativos, busca-se debater as especificidades deste grupo PET quanto ao seu planejamento e organização, desenvolvimento de ações, dificuldades, a relação do grupo com o ensino, pesquisa e extensão, sobre suas relações com os sujeitos envolvidos diretamente, as experiências formativas e a importância do grupo para comunidade em que está inserida.

Por fim, o quarto capítulo é destinado às considerações finais deste trabalho, aqui é realizado um apanhado sobre a tríade ensino, pesquisa e extensão e função do PET para com a universidade, bem como a compreensão final da pesquisa sobre a relação do grupo no que se refere a formação global e a ligação com a comunidade.

## **1 SOBRE O ENSINO, A PESQUISA E A EXTENSÃO**

O tripé acadêmico ensino, pesquisa e extensão se caracteriza como elemento essencial dentro das universidades, para além de uma norma estabelecida em Lei, refere-se à própria universidade enquanto as aspirações que constituem sua essência, sendo ela “[...]instituição de ensino superior que compreende um conjunto de conhecimentos para a especialização profissional e científica, e tem por função precípua garantir a conservação e o progresso nos diversos ramos do conhecimento, seja pelo ensino, pesquisa e extensão” (CÉSAR, 2013, p. 18). Neste capítulo, serão apontados os pressupostos de constituição do ensino, pesquisa e extensão como parte obrigatória e essencial nas universidades federais brasileiras, serão conceituados os termos ensino, pesquisa e extensão em sua ligação com a universidade, bem como serão apontados os desafios enfrentados para sua manutenção.

### **1.1 Alguns Apontamentos Históricos**

O princípio da indissociabilidade é um pressuposto que confere em sua proposta a melhoria da qualidade acadêmica enquanto produtora de conhecimento que possui a formação voltada para a cidadania, sendo obrigatório às Universidades Federais desde a Constituição Federal de 1988, mas além de ser uma prática prevista em lei, “[...] deve ser também uma filosofia de entendimento do contexto universitário e de correlação entre seus agentes” (SCARABUCI, 2018, p. 26).

O ensino superior no Brasil tem seu início de forma isolada em alguns estabelecimentos que seriam os espaços de ensino superior, sem a associação entre ensino, pesquisa e extensão. Conforme Gonçalves (2015) afirma, a universidade historicamente constitui-se primeiramente como um lugar que produz conhecimento, onde depois foi incluída a formação profissional como competência de sua ação, tendo como característica o conhecimento científico e autônomo.

De acordo ainda com Gonçalves (2015, p. 1232-1233):

Observa-se na literatura, como em Tauchen (2009), FORPROEX (2012), Maciel (2010), Nogueira (2000), Schender (2011), Faria (2001) e Gonçalves, Vieira e Antunes (2014), a reiteração histórica da articulação entre Ensino e Pesquisa, e de que a Extensão começa a surgir como uma forma de estender o conhecimento para a sociedade, ou seja, ela foi compreendida no Brasil, oficialmente e por décadas, como um caminho de difusão (divulgação de conhecimento ou de cultura ou prestação de serviço), de benefício à população carente (assistência) e ainda como voltada ao desenvolvimento na ditadura civil-militar.

Na associação entre ensino e pesquisa e sua apropriação pela universidade como função, sua primeira ligação é oficializada pela Reforma Francisco Campos em um de seus decretos: o Decreto 19.851, publicado em 11 de abril de 1931, onde se aponta a relação entre estas atividades no ensino superior (MACIEL, 2010). O ensino ofertado pela universidade tinha como objetivo alavancar o nível cultural em geral, além de promover a pesquisa científica em todas as áreas que compõem o conhecimento humano, como é descrito em seu primeiro Artigo:

Art. 1º O ensino universitário tem como finalidade: elevar o nível da cultura geral, estimular a investigação científica em quaisquer domínios dos conhecimentos humanos; habilitar ao exercício de atividades que requerem preparo técnico e científico superior; concorrer, enfim, pela educação do indivíduo e da coletividade, pela harmonia de objetivos entre professores e estudantes e pelo aproveitamento de todas as atividades universitárias, para a grandeza na Nação e para o aperfeiçoamento da Humanidade. (BRASIL, 1931, p. 01).

O primeiro registro legal da extensão universitária também se realizou por intermédio da lei 19.851/1931. À extensão coube o papel de estimular atividades de cunho técnico-científico. Tauchen (2009) comenta que apesar da extensão nesse momento não apresentar aparentemente um grau de importância da mesma ênfase dada ao ensino e pesquisa num primeiro olhar, há sim destaque nessa atividade ao ser contemplada na descrição dos cursos dos institutos que promovem o ensino profissional superior. Os cursos de extensão universitária objetivavam beneficiar a coletividade, as atividades científicas e técnicas nestes institutos universitários, conforme o Artigo 35, letra f, dessa lei, se refere.

Vale ressaltar que o apontamento de tais especificações não surge com o conjunto de Leis que formam a Reforma Francisco Campos espontaneamente, mas está ligada a movimentos socioculturais e políticos que precederam a data da promulgação das Leis como o movimento da “Semana da Arte Moderna (1922), criação da Academia Brasileira de Letras, da Academia Brasileira de Ciências (1922), como um desdobramento da Academia Brasileira de Ciências, fundada em 1916, e a Associação Brasileira de Educação (1924)” (TAUCHEN, 2009, p. 68).

Ainda no Decreto 19.851, o ensino superior no Brasil é entendido como uma forma de transmitir conhecimentos que foram adquiridos, a pesquisa é encarada como atividade de desenvolvimento de conhecimento original, que aproveitem as aptidões e inclinações de discentes, docentes, entre outros pesquisadores externos à universidade, e a extensão é caracterizada através dos cursos de conferências de cunho didático ou utilitário, organizados por institutos universitários (BRASIL, 1931).

Apesar dessa primeira tentativa de inserção da relação entre ensino e pesquisa, e a integração da extensão como curso, a relação entre estas três atividades conjuntas posteriormente não se deu de maneira fluida. Sobre a tríade no que se refere o desenvolvimento histórico da universidade no Brasil deve-se compreender que muitas “[...] iniciativas neste sentido foram frustradas ao longo dos anos, sendo a pesquisa prioridade apenas nas questões que interessam ao Estado em determinados contextos políticos e econômicos.” (MACIEL, 2010, p. 114), assim como o ensino e os cursos de extensão.

No período da década de 1940 a pesquisa recebe seus primeiros momentos de destaque efetivos, a exemplo que no ano de 1944, de acordo com Tauchen (2009), a pesquisa na área de Psicologia e Educação ganha nova abertura com o surgimento da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos do INEP, além de posteriormente surgir “[...] a criação do Centro Brasileiro de Pesquisa Educacional e dos Centros Regionais de Pesquisa, vinculados ao INEP, os vínculos governamentais se mantêm, mas com novo enfoque: fornecer dados a uma política educacional que alavancasse o progresso econômico do país (TAUCHEN, 2009, 70).

De acordo com Gadotti (2017) a universidade brasileira demorou muito para surgir, só aconteceu nas primeiras décadas do século XX e somente após as décadas de 50 e 60 que sua função social começa a despertar, principalmente com a participação da União Nacional dos Estudantes (UNE), “[...] movimento, com base nas teses elaboradas por Álvaro Vieira Pinto (1986), reorienta as discussões sobre a universidade ao colocar como questões fundamentais as perguntas: para quem e para que serve a universidade?” (MAZILLI, 2011, p. 211). Nesse período destaca-se também o trabalho realizado por Paulo Freire “[...] criando o Serviço de Extensão Cultural, na Universidade do Recife, bem como o Movimento de Cultural Popular (MCP), o Movimento de Educação de Base (MEB) e o Centro Popular de Cultura (CPC) da UNE.” (GADOTTI, 2017, p. 01).

Quanto à extensão, no início da década de 1960 sua essência encontra outro aspecto. No intuito de promover a conscientização acerca da realidade na área da educação, o movimento estudantil nesse período, “[...] fortemente engajado no processo de discussão sobre reformas de base e da educação através da Une, passou a desenvolver ações de extensão, marginais ao processo acadêmico das universidades” (MAZILLI, 2011, p. 211).

Desse modo a extensão começou a servir com o propósito de ligação entre universidade e comunidade, ou seja, se partilhava o conhecimento adquirido pela comunidade científica para a sociedade em geral, proporcionando a democratização do conhecimento. Paralelo a isso, em 1962, a defesa para articulação entre ensino e pesquisa se fortalece com as manifestações em três pareceres realizados pelo Conselho Federal de Educação (CFE) (TAUCHEN, 2009),

enquanto “as ações de conscientização por meio da educação, conduzidas por Paulo Freire, encontraram grande repercussão nos meios estudantis e foram adotadas como instrumento de transformação da sociedade” (REIMER; ZAGONEL, 2014, p. 52).

Porém, estas ações foram impedidas, a partir de 1964 com a ditadura militar:

Com o golpe militar [...] não só as reivindicações da UNE foram frustradas, como também a perseguição aos estudantes e a todos os que eram considerados subversivos, sendo esta considerada a mais violenta que se registrou na história brasileira. Muitas ações para combater as ideias de quem não concordava com os governos militar-autoritários foram postas em prática, como a extinção da UNE que chegou a ter seu prédio incendiado e repressão policial a qualquer tipo de manifestação, redundando em pessoas feridas, prisões e até mortes. Por outro lado, não se podem apagar os ideais e as concepções de mundo que foram construídas com tantos desejos de mudanças (MACIEL, 2017, p. 78).

Nesse sentido, o governo ditatorial além de suprimir os movimentos que ocorriam até então, modificou a essência que as atividades extensionistas possuíam naquele período já que “foram redirecionadas, passando a ter uma característica assistencial; um período em que a ação transformadora da extensão universitária foi podada e o conhecimento produzido pela universidade se distanciou da população (REIMER; ZAGONEL, 2014, p. 52).

Durante o período do Regime Militar (1964-1985) houve a expansão do ensino superior no país. Entretanto, também se combateu de forma marcante que se expandisse a universidade com visão crítica e democrática, uma vez que reprimiu fortemente que se desenvolvesse um pensar político no meio acadêmico limitando suas ações, ficando restringidas tão somente à formação profissional devidamente qualificada para o mercado – tanto de consumo quanto de trabalho.

Em 1965, com a promulgação da lei nº 4.881 que dispõe sobre Estatuto do Magistério Superior, o termo indissociável entre ensino e pesquisa aparece pela primeira vez no ensino universitário, estabelecido no art. 2 desta Lei, onde infere que “para os efeitos deste Estatuto, entendem-se como atividades de magistério superior aquelas que pertinentes ao sistema indissociável do ensino e pesquisa, se exerçam nas universidades e estabelecimentos isolados em nível superior, para fins de transmissão e ampliação do saber” (BRASIL, 1965, p. 01), mas a extensão ainda estava em caráter separado, tendo um papel secundário (TAUCHEN, 2009).

Com a promulgação do Decreto-Lei nº 53, em 1966, a função conjunta entre pesquisa e ensino é reafirmada, porém sem a citação sobre a indissociabilidade dessas atividades acadêmicas:

Art. 1º As universidades federais organizar-se-ão com estrutura e métodos de funcionamento que preservem a unidade das suas funções de ensino e pesquisa e assegurem a plena utilização dos seus recursos materiais e humanos, vedada a duplicação de meios para fins idênticos ou equivalentes.

Art. 2º Na organização das universidades federais, observar-se-ão os seguintes princípios e normas:

I - Cada unidade universitária - Faculdade, Escola ou Instituto - será definida como órgão simultaneamente de ensino e pesquisa no seu campo de estudos.

II - O ensino e a pesquisa básicos serão concentrados em unidades que formarão um sistema comum para toda a Universidade.

III - O ensino de formação profissional e a pesquisa aplicada serão feitos em unidades próprias, sendo uma para cada área ou conjunto de áreas profissionais afins dentre as que se incluam no plano da Universidade.

IV - O ensino e a pesquisa desenvolver-se-ão mediante a cooperação das unidades responsáveis pelos estudos envolvidos em cada curso ou projeto de pesquisa.

V - As atividades previstas no item anterior, serão supervisionadas por órgãos centrais para o ensino e a pesquisa, situados na administração superior da Universidade.

Em 1968, houve uma Reforma Universitária que apresentava uma proposta de um modelo de universidade que fosse norteado e/ou pautado pelo ensino e pela pesquisa e que visasse a produção do saber. O governo militar a partir da reforma de “Lei 5.540/68, apropriou-se das reivindicações dos movimentos sociais para dar um caráter ‘moderno e avançado’ às mudanças que são implantadas no interior das instituições” (MACIEL, 2010, p. 115). No que diz respeito à Extensão na Universidade nos termos dessa lei, “seu caráter é de cunho assistencialista, desvinculado do ensino e da pesquisa. O princípio da indissociabilidade, previsto para o ensino superior, aparece contemplado no Art. 2º dessa Reforma, relacionando, apenas, o ensino com a pesquisa” (MEC/ SESU, 2006, p. 19-20).

Porém, apesar da reafirmação da relação entre ensino e pesquisa como indissociáveis ter ocorrido com a Lei 5.540 em seu art. 2º ao estabelecer que “o ensino superior, indissociável da pesquisa, será ministrado em universidades e, excepcionalmente, em estabelecimentos isolados, organizados como instituições de direito público ou privado”, o resultado vindo dessa promulgação foi reverso, pois “a estrutura acadêmica organizada por departamentos, a implantação da carreira docente e a institucionalização do sistema de pós-graduação – que viria a qualificar os docentes pesquisadores – acaba por fragmentar mais ainda estas duas funções” (MACIEL, 2017, p 76).

Nesse sentido, com a Reforma Universitária “algumas das modificações foram radicais e implicaram em alterações profundas de moldes anteriores estabelecidos, tais como a supressão da cátedra, a implantação dos departamentos, sistemas de autoridades de coordenação e controle da universidade, dentre outros” (SCARABUCI, 2018, 43).

Maciel (2010, p. 115) pontua que

[...] nas décadas de 1960 e 1970, embora sob o domínio da ditadura militar, uma nova concepção de universidade vai surgindo a partir da resistência de alguns setores da sociedade civil, particularmente do movimento estudantil, representado pela UNE, e dos professores universitários que, gradativamente, vão se organizando, em um primeiro momento, apenas como Associações Docentes nas suas respectivas instituições, e, em um segundo momento, este conjunto de AD's dá origem à Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior-ANDES-SN.

A extensão universitária no início dos anos de 1970, segundo Santos (2016), sofre uma contradição por possuir duas facetas: era caracterizada pelo fortalecimento de movimentos sociais, com “[...] proposições de maior abertura política, mas também acadêmica, atribuindo-se à educação um papel fundamental, e às Universidades funções sociais e políticas [...]” (GONÇALVES, 2015 p. 1233), ao mesmo passo em que o seu caráter pelo governo vigente era tido como assistencialista e manipulador para aceitação dos estudantes ao projeto político da época, assim como dissipar a resistência nas universidades (SANTOS, 2016).

A Extensão diante desta situação, já na década de 1980, ainda que numa perspectiva assistencialista que a caracterizava “[...] passou a ser objeto de estudos e debates que anunciavam sua participação definitiva como prática acadêmica necessária à formação (complementar) de docentes e discentes e dissociada do ensino e da pesquisa científica” (SANTOS, 2016, p. 213).

Nesse mesmo período, por volta da primeira metade da década de 1980 reaparecem diversos movimentos populares bem como diversas organizações não governamentais e sindicais em articulação para uma abertura à redemocratização do Brasil, seu gradual reestabelecimento e a sua concretização com a Instalação da Assembleia Nacional Constituinte onde “[...] a participação popular se fez presente e contribuiu para formulação de propostas para a Constituição Federal de 1988.” (MACIEL, 2017, 85), foram defendidos pelos movimentos, principalmente das Diretas Já e Constituinte Já.

Mazilli (2011) evidencia que em 1987, houve a formação do Fórum Nacional da Educação que formulou uma proposta sobre a educação para a nova Constituição, na qual já se apresentava para o ensino superior princípios de um projeto novo de universidade no Brasil, que já vinha sendo formulado desde o início da década pela ANDES (MAZILLI, 2011), além de ser “[...] criado o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (atual Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras) – FORPROEX, com o objetivo de ser um órgão próprio para o debate, a organização e a definição do papel da extensão na universidade (REIMER; ZAGONEL, 2014, p. 52).

Gadotti destaca que o FORPROEX, em 1987, foi fundamental na associação da extensão com o ensino e a pesquisa e o fortalecimento da ideia de indissociabilidade entre estas três atividades na universidade, almejando a aproximação entre o conhecimento acadêmico e o popular. Na visão da FORPROEX, a extensão em sua ligação com a universidade foi compreendida como método “[...]educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. Para o FORPROEX, A Extensão Universitária é "uma via de mão-dupla" entre Universidade e sociedade” (2017, p. 02).

Foi pelo Fórum Nacional de Educação que a indissociabilidade da tríade entre ensino, pesquisa e extensão foi proposta, através de uma emenda na Assembleia Constituinte, propondo esse novo paradigma à universidade no Brasil, sendo incluída na CF de 1988 (MAZILLI, 2011, 214), conforme concebe seu artigo 207: “as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (BRASIL, 2019, p. 108).

Anos mais tarde, com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9.394/96, os preceitos da Constituição de 1988 entre ensino, pesquisa e extensão continuou sendo frisado, porém sua indissociabilidade não é citada:

Art. 43. A educação superior tem por finalidade:

[...]

III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;

IV - Promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;

V - Suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;

VI - Estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;

VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.

VIII - atuar em favor da universalização e do aprimoramento da educação básica, mediante a formação e a capacitação de profissionais, a realização de pesquisas pedagógicas e o desenvolvimento de atividades de extensão que aproximem os dois níveis escolares.

Esta omissão sobre a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, de acordo com Maciel (2017), favoreceu outras formas de funcionamento no que diz respeito ao ensino

superior no país, pois observa-se em seu Artigo 45 que a Educação Superior se torna mais abrangente, pois a Lei reconhece outras formas ministradas nas IES, sejam elas públicas ou privadas, em seus mais variados níveis de especialização e abrangência. Desse modo,

Embora incorporada esta proposta à lei maior do país, na década seguinte, marcada pela visão neoliberal que, no Brasil, já vinha sendo imposta pelos organismos internacionais, fez recuar essa perspectiva na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que reconheceu diferentes tipos de educação superior ao permitir a criação de novas figuras jurídicas de instituições de ensino superior, os Centros Universitários e os Institutos Superiores de Educação que, tal como os institutos e faculdades isoladas, podem prescindir da pesquisa e da extensão, valendo-se apenas do ensino para exercer sua função educativa (MAZZILI, 2011, p.206).

Contudo, este conceito embora de difícil concretização, não somente por condições políticas, mas pela própria estrutura que a Educação Superior, serve de fator inicial para novas perspectivas no ensino ofertado pela universidade, pois está associado à história da universidade no Brasil e opõe-se à lógica do mercado (MAZZILI, 2011).

## **1.2 Dos Conceitos de Ensino, Pesquisa e Extensão**

Para uns o ensino se caracteriza como atividade que objetiva à promoção da aprendizagem, que em sua prática deve respeitar a integralidade do aprendiz (intelectual), bem como suas capacitações para promoção de julgamento, onde ensinar corresponde a ter o objetivo de promover e/ou instigar o aprendiz. Scarubuci (2018, p. 28) aponta uma visão tradicional de ensino construído via currículo escolar, em uma estrutura acabada, o autor explica que “[...] é a variável mais prática de se obter resultados, pois dependem apenas da apresentação do conteúdo formal e já consolidado por anos de prática de ensino, resultando em um diploma que certifica o cumprimento dos créditos necessários”.

De acordo com César (2013, p. 21), “é possível dizer que o ensino é uma forma privilegiada de acesso ao conhecimento profissional, uma vez que, por meio dele, o melhor e mais recente conhecimento pode ser transformado em comportamentos sociais, de maneira generalizada”.

Numa observação inicial, Rays (2003) explica que numa perspectiva mais geral, a palavra ensino é comumente entendida em um viés tradicional como simples transmissão, assimilação e reprodução do conhecimento, e essa visão do termo é bastante corriqueira em vários campos da sociedade, desde as próprias instituições de ensino à movimentos sociais emergentes. Mas no sentido mais crítico sobre o termo essa definição torna-se insuficiente para

abranjer um real significado que comporte todos os seguimentos educacionais e sociais, ao levar-se em consideração que o ensino não se restringe a mera transferência de conhecimento (RAYS, 2003). O termo ensino não possui um sentido único, não há definições predeterminadas, dessa forma, inviabilizando que a sua definição seja objetivada em somente um conceito restrito.

O entendimento de ensino na universidade não pode ser concebido como mera recepção e reprodução de conhecimento, a docência na universidade é na verdade “[...] uma oportunidade que o professor tem de prestar atenção às necessidades do estudante, tanto com o olhar para o processo de ensino e aprendizagem, quanto como o facilitador, orientador, aquele que incentiva a aprendizagem (Almeida & Lopes, 2014 apud PRATES et al, 2017, p.02).

Sendo a função primeira da universidade, tem-se o entendimento que “a universidade é detentora dos conhecimentos científicos, cabendo a ela, por meio do ensino, repassá-los aos educandos (SANTOS, 2016, p. 217), reconstruindo-os de maneira crítica e reflexiva. César (2013, p. 21) complementa que é “por meio do ensino superior que os educandos interagem com o mundo através do conhecimento adquirido, e além de um ambiente educacional de graduação, é imprescindível o seu envolvimento na aprendizagem profissional”.

Assim deve-se entender o ensino na universidade em duas perspectivas:

1. O ensino deve ter um caráter formador e crítico, ser presencial, para construir na interação com a pesquisa e a extensão, a autonomia do pensar e do fazer no exercício profissional e na ação social;
2. O ensino deve ser especialmente considerado em todos os aspectos da vida acadêmica, devido ao valor que lhe é atribuído na concepção de universidade do ANDES-SN. É necessária a criação de Conselhos de Ensino, com presença paritária de professores, técnico-administrativos e estudantes de graduação, de pós-graduação e da administração da Unidade; [...] (ANDES-SN, 2013, p. 20)

Logo compreende-se que no espaço da educação superior a função que o ensino exerce “[...] se configura como uma possibilidade do indivíduo poder se auto educar na busca de novas informações sempre mediado pelo professor, podendo se posicionar como um cidadão reflexivo e pesquisador” (NEVEZ; MALTA, 2014, p. 06).

A pesquisa, por sua vez, corresponde a uma ação ou atividade que objetiva encontrar soluções para determinados problemas, “pode-se dizer que a pesquisa é um produto natural do amadurecimento do ensino. É o aprofundamento do conhecimento já existente, nascido da busca por soluções, da busca pelo novo, do gosto pela investigação, pela descoberta” (SLEUTJES, 1999, p. 106). Em seu desenvolvimento há o uso de procedimentos de cunho

científico e tem como elementos o problema propriamente dito ou ainda uma dúvida, e possíveis respostas/solução para o problema.

A Pesquisa se relaciona ao ensino estreitamente já que sua função é pautada na necessidade de se construir um novo conhecimento. Este meio de produção de saber não é método voltado a somente uma área de conhecimento, já que pode ser aplicado em todas as áreas seja humana, exata, natural, entre outras (SILVA; RESENDE, 2017).

Concretamente o ato da pesquisa propõe a participação em um meio que constantemente se transforma pela introdução de novos conhecimentos. É esta atividade acadêmica que permite a sustentação do ensino que é proposto na universidade, atrelando-os, ou seja, a universidade depende intimamente da pesquisa para que sua existência seja efetivada (SLEUTJES, 1999).

A pesquisa, no meio acadêmico, é um artifício utilizado para o avanço tecnológico e social, sendo uma necessidade para aprender, envolto de senso crítico. Nesse sentido, Nevez e Malta (2014, p. 05-06) ponderam sobre o papel da pesquisa no ensino superior e seu processo, como ato de aprender a aprender, e justamente por esse caráter “[...] deveria fazer parte do sistema educativo que percorre da pré-escola até a pós-graduação. Nos módulos iniciais de ensino a pesquisa deve vir para possibilitar questionamentos e construção de alternativas, mas no meio acadêmico a pesquisa deverá ser de punho científico”.

A pesquisa que é produzida dentro da universidade possui grande liberdade para que o indivíduo se sinta motivado e possua iniciativa para que através de suas pesquisas almeje resultados importantes para sua construção do saber, além do seu crescimento profissional e a sua contribuição para a ciência e a sociedade. Dessa forma, "o objetivo deve estar pautado em descobrir algo novo, porém com bases científicas, por meio de uma atividade metodológica que leve a uma conclusão" (SILVA; RESENDE, 2017, p. 38).

Sendo assim, “a pesquisa universitária é a que melhor estabelece integrações entre o desempenho científico e técnico dos educandos, além das sutilezas em sua vida profissional. A produção acadêmica é o seu produto supremo e está vinculado aos conhecimentos tácito e explícito” (CÉSAR, 2013, p. 22). Scarabuci (2018, p.28) enfatiza que

A pesquisa consiste na fase de produção criativa, onde há interação entre diferentes conteúdos de ensino, gerando um insight no cientista, permitindo a elaboração de novos conhecimentos. Nessa variável, quando há uma sobrecarga da variável ensino e, o professor, por vezes, não possui tempo disponível para se dedicar à pesquisa, a relação professor-pesquisa pode ficar em segundo plano. Da mesma forma, o pesquisador pode não receber apoio institucional para suas pesquisas e, somado à indisponibilidade de tempo, também tende a se dedicar mais ao ensino, em detrimento à pesquisa.

A pesquisa busca tecer explicações e promover revisão de conclusões a que se chegaram, também reflete em ideias, opiniões contrárias aos resultados que derivam do processo, se destacando por diversas vezes como “uma atividade cara, que requer condições especiais para que possa se desenvolver e dar frutos” (SLEUTJES, 1999, 107). Porém deve se considerar que enquanto atividade universitária:

A pesquisa é uma atividade intelectual de caráter artesanal, devendo ser valorizada como um instrumento de desenvolvimento soberano – científico, tecnológico, cultural, artístico, social e econômico – do país, não podendo ser submetida a critérios de produção industrial ou de mercado, devendo respeitar as condições específicas das diversas áreas do conhecimento no desenvolvimento do trabalho acadêmico[...] (ANDES-SN, 2013, p. 20)

No que se refere a extensão universitária, sua objetividade está direcionada na relação entre a comunidade universitária e comunidade de modo geral, numa relação dialógica ligando os saberes científicos, tecnológicos e culturais (CÉSAR, 2013). Nesse sentido, estas ações promovem um vínculo entre a sociedade e a academia, proporcionando aprendizagens e melhoria social. Na visão de Scarabuci (2018, p. 28), o dinamismo contido na relação entre universidade e comunidade proporcionada pela extensão confere ao futuro profissional a prática real de seu curso, “deve se situar como um ponto de reflexão ético-político-social que antecede e não se limita à prática, e que se destina ao desenvolvimento da comunidade que a cerca. Desenvolve-se através de um fato gerador, originado da prática de pesquisa ou da prática do ensino”.

César (2013) aponta que a atividade de extensão se torna o elo entre a sociedade e universidade, firmando o comprometimento das IES com o favorecimento do desenvolvimento social, além de aproximar a universidade aos anseios que a comunidade possui. Ou seja, “a atividade de extensão é chave para resolver o maior problema das universidades brasileiras: o relacionamento da universidade com a sociedade” (SLEUTJES, 1999, p. 109). No papel de ponte entre sociedade e universidade, sua efetivação ocorre “[...] atribuindo programas, encontros, estágios curriculares, trabalhos de consultoria e assessoria, ações de assistência e atendimento social, cursos que contemplem a participação da população nos trabalhos acadêmicos, entre outras situações” (NEVES; MALTA, 2014 p. 08).

Nesse sentido, os projetos acadêmicos “[...] oriundos de propostas de extensão devem estar associados ao avanço da pesquisa social, cultural, artística, científica e tecnológica, sem submeter-se a interesses de mercado ou envolver trabalho de adaptação tecnológica para a indústria, que deve investir neste tipo de atividade” (ANDES-SN, 2013, p. 20-21).

Rays (2003, p. 02) pondera sobre a visão crítica do papel da extensão universitária como elo com a comunidade para divulgação do conhecimento gerado na academia, para ele sendo caracterizada “[...] como um processo que traz para a universidade tanto os problemas quanto os conhecimentos gerados nos mais variados segmentos da sociedade”.

Ressalta-se assim que a extensão deve ser vista como uma política institucional que estabelece uma relação de troca de experiência entre universidade e sociedade que objetiva identificar e acompanhar os possíveis problemas sociais. Esta relação não tem caráter lucrativo e todo e qualquer resultado deve ser publicizado, pois a sociedade deve ter acesso irrestrito (ANDES-SN, 2013).

À vista disso, compreende-se ensino, pesquisa e extensão da seguinte forma:

Através da pesquisa científica, a universidade aprimora os conhecimentos científicos já existentes e produz outros novos. Pelo ensino, conduz esses aprimoramentos e os novos conhecimentos produzidos aos acadêmicos em geral. Por intermédio da extensão, pode proceder a difusão, socialização e democratização do conhecimento formal-científico existente e das novas descobertas à comunidade. A extensão propicia a complementação da formação acadêmica de docentes e discentes universitários, dada nas atividades de ensino e pesquisa científica, alicerçadas com a aplicação prática dos conhecimentos. Assim, forma-se um ciclo permanente onde a pesquisa aprimora e produz novos conhecimentos, os quais são difundidos pelo ensino e pela extensão, de maneira que as três atividades se tornam *complementares* e *dependentes*, atuando então de forma sistêmica. Trata-se, portanto, de um enlace perfeito e extremamente necessário (SANTOS, 2016, p. 217).

Isto posto, a universidade é um espaço que privilegia a convivência e o desenvolvimento humano na área profissional tornando a formação de seus integrantes mais cidadã, ao torná-los mais comprometidos com o meio que estão inseridos (SCARABUCI, 2018). A correlação ou associação das atividades de ensino pesquisa e extensão é um meio que garante a efetivação e mantém a universidade atualizada e envolta com a sua própria filosofia, atrelada à sociedade.

### **1.3 A Indissociabilidade e o Desafio da Efetivação nas Universidades**

A CF de 1988 afere que as universidades não devem promover uma separação da tríade acadêmica, pois trata-se de um princípio fundamental. O conceito de indissociabilidade refere-se explicitamente ao entendimento que os três componentes, pesquisa, ensino e extensão, são inseparáveis e não podem ser efetivados de maneira desigual e/ou isolada, caso contrário violará preceitos constitucionais.

Esse princípio exerce papel fundamental no que tange à formação de diversos profissionais pois “[...] favorece a aproximação entre universidade e sociedade, a autorreflexão

crítica, a emancipação teórica e prática dos estudantes e o significado social do trabalho acadêmico” (CÉSAR, 2013, p. 19).

Sleutjes (1999, p. 102) destaca, entretanto, que essa articulação não é fácil, “[...] pois ela exige, sobretudo, equilíbrio e estabilidade, num período da história onde o homem está quase sendo vencido pelo sentido de fragmentação contido na pós-modernidade, onde todas as coisas ficam meio soltas, meio estanques, ao sabor de toda a sorte de mudanças”.

De acordo com Ferreira et al. (2012, p. 02)

Compreende-se que, a indissociabilidade representa um princípio que deve ser vivenciado pelas Universidades e que possa contribuir para estreitar as relações junto às sociedades, possibilitando, assim, a construção do conhecimento mútuo, da formação profissional, da transformação da universidade e da sociedade. Para traçar uma melhor compreensão acerca da materialização da indissociabilidade recorre-se a literaturas, a pesquisas, a outras exemplificações de como as IES vêm construindo o procedimento sistemático que oportuniza a relação íntima entre ensino, pesquisa e extensão.

A indissociabilidade é um princípio norteador da qualidade da ação universitária, porque afirma a imperiosa necessidade de a universidade atuar de forma tridimensional, autônoma, competente e ética “mediante as particularidades que caracterizam cada uma das três funções universitárias, a indissociabilidade de ensino, pesquisa e extensão se caracteriza como um catalisador do conhecimento ‘pluriversitário’ [...]” (CÉSAR, 2013, p. 21), aproximando universidade e sociedade.

O âmbito da universidade tem se tornado um palco cada vez maior onde ocorrem análises e debates que proporcionam destaque tanto ao ensino, quanto à pesquisa ou ainda à extensão, já que é um desafio que remete à tríade na universidade e sua implementação perpassa pelo debate da função da universidade e a competência administrativa e acadêmica, para a efetivação do princípio acadêmico na Instituição (GONÇALVES, 2015).

Quando se efetiva, por exemplo, uma associação do ensino com a pesquisa, obtém-se um vasto terreno no campo da tecnologia pois entende-se “[...] que o ensino precisa da pesquisa científica para oxigená-lo, aprimorá-lo e inová-lo, pois, ao contrário, corre-se o risco da estagnação” (SANTOS, 2016, p. 217). Porém incorre no risco de se sofrer uma perda de compreensão político-ético-social, isso ao se levar em conta o destino final do conhecimento (a sociedade), de modo que “se a extensão não mediar a pesquisa, diante dos saberes conhecidos, o novo conhecimento terá maior probabilidade de se descolar da realidade social, pouco ou nada ajudando para o desenvolvimento do ser humano, da comunidade, do povo” (PRATES et al, 2017, p. 03).

César (2013, p. 19) afirma ainda que, “contudo, o que tem sido observado nos últimos anos é o afastamento entre esses eixos, provocando o distanciamento dessas três abordagens”. Quando se esquece a fundamental articulação entre ensino e pesquisa chegando-se a excluir a extensão ocorre a perda da dimensão de caráter formativo que justifica e legitima o sentido da universidade, pois sem esta relação na produção de conhecimento e o retorno para a comunidade está presente [...] haverá dois mundos paralelos, o que se vive e o que se idealiza, pensa e imagina. A extensão universitária tem como propósito quebrar este paradigma e tornar os currículos da universidade uma forma de aperfeiçoamento da sociedade (PRATES et al, 2017, p. 03).

A questão da indissociabilidade aponta para a inexistência de algo independente da presença do outro. A partir do momento em que ocorre uma dissociação o todo já não é mais todo, ou seja, pode-se até alterar os fundamentos do ensino, da pesquisa e da extensão, por essa razão, esse é um princípio que é um paradigma epistemológico de muita complexidade (MOITA; ANDRADE, 2009).

Há diversas nuances que dificultam a efetivação quanto à prática de ensino, pesquisa e extensão nas universidades, de modo que se tem a indissociabilidade na condição de um desafio, empecilhos esses que vão desde questões estruturais até problemas financeiros. Alguns fatores que provocam a dificuldade de se efetivar a tríade acadêmica são apontados por Silva e Resende (2017, p. 40):

É claro que não se trata, apenas, do esforço de querer aliar as três vertentes, vários fatores podem ser mencionados para explicar o que ocorre no ambiente acadêmico: o árduo trabalho do professor, que muitas vezes além da docência e o trabalho extraclasse exigido pela profissão, também, está atarefado com funções administrativas, como coordenação da graduação e pós graduação; orientações dos diversos níveis acadêmicos; falta de investimentos que impede o desenvolvimento de pesquisas mais elaboradas e a divulgação dos trabalhos de extensão; a exigência do mercado acadêmico em relação ter publicações, que são de importância singular para o plano de carreira; o pouco interesse de discentes e da comunidade em participar de eventos promovidos pela universidade, bem como, a falta de preparação do docente, visto que o próprio sistema é responsável pela falha na formação didática pedagógica desse profissional, principalmente nos cursos de bacharelado.

Infer-se assim que este preceito tem difícil realização, pois “são ainda muitos os desafios para a implementação efetiva do princípio da indissociabilidade como elemento integrador e essencial, que perpassa a Universidade, inclusive não se limitando à graduação” (GONÇALVES, 2015, p.1252), e em prática necessita ainda maior visibilidade.

A abordagem sobre a efetivação deste princípio acadêmico nas universidades conduz uma autorreflexão de cunho crítico bem como uma emancipação de ordem teórica em relação a prática estudantil e à significação do trabalho acadêmico para a sociedade:

Considera-se esta integração, entre o ensino, pesquisa e extensão como processo necessário nas universidades quando atendem aos reais objetivos para os quais foram planejados, quando o ensino possa proporcionar a interação, reflexão e a mediação que se propõe disponibilizar, quando a pesquisa se posiciona como um instrumento primordial aliado ao ensino e quando a extensão possa realmente assegurar a participação da comunidade no meio acadêmico em busca da emancipação social (NEVES; MALTA, 2014, p. 12).

Apesar dessas dificuldades apontadas, Moita e Andrade (2009), entendem que não obstante, o reconhecimento da enorme importância dessas articulações, a tríade ensino, pesquisa e extensão um vez posta em ação, impedirá reducionismos presentes na vida universitária como a maior ênfase à produção de novos saberes ou ainda uma intervenção plena nos processos sociais ou mesmo a mera transmissão de conhecimentos no cerne da formação profissional.

## **2 O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL**

Dentro das universidades públicas federais, com a finalidade de garantir a concretização da tríade acadêmica, criou-se o Programa de Educação Tutorial. Com o intuito de realizar projetos de trabalho, organizados e efetivados coletivamente, promovendo atividades integradoras entre o ensino, a pesquisa e a extensão no sentido de garantir a preservação da indissociabilidade bem como a melhoria do ensino ofertado pela Educação Superior nessas instituições. Isso posto, dentro deste capítulo serão apontados elementos como o surgimento e instituição do Programa de Educação Tutorial e a caracterização do PET a nível nacional.

### **2.1 Origem e instituição do PET**

A partir da década de 70 várias transformações ocorreram no país, “tal acontecimento pode ser explicado pelo contexto econômico, político desenvolvimentista e industrializado das cidades, o que evidencia o êxodo da população do meio rural” (SILVA et al., 2010 p. 109). Nessa mesma época as universidades públicas do Brasil passam por um período de expansão desordenada e o padrão de qualidade da formação oferecida, com esse aumento, começa a ser questionado, pois proporcionou obviamente [...] que um maior número de pessoas se candidatasse ao ensino superior, ampliando, assim, as possibilidades de inserção e intervenção social da educação superior brasileira. Porém, tal propagação de unidades de ensino não garantiu a qualidade dessa educação (SILVA et al., 2010 p.109).

Alves (2016, p. 105) enfatiza que “em meio às transformações econômicas ocorridas no mundo e no Brasil, a flexibilização do mercado e a reestruturação do capital, as exigências de formação de mão de obra qualificada recaem sobre as instituições formadoras de ensino superior”. Mas os obstáculos da qualidade de ensino superior não estavam na expansão propriamente. Borba (2017, p. 35) afirma que “é importante sublinharmos que a problemática não se direciona para a questão da ampliação de vagas no ensino superior, mas sim pela ausência de estruturas e estratégias de atendimento à nova demanda quantitativa de alunos, muitas vezes oriundos de um ensino médio deficiente”.

Pela carência de políticas educacionais que ajudassem na melhoria da formação consequente da queda de qualidade da graduação, alcançando as mudanças ocorridas no ensino superior, o Ministério da Educação (MEC) através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) criou uma série de programas para reversão desse quadro (ALVES, 2016). A necessidade do reestabelecimento de um padrão de ensino de qualidade era

essencial, pois “o incessante desenvolvimento científico-tecnológico observado no mundo contemporâneo impõe ao profissional a necessidade de estar preparado para as diferentes situações e desafios do mundo do trabalho” (CARVALHO et al., 2018, p. 29).

Nascimento, Ferreira e Andrade (2015, p. 364-365) inferem que

Em 1979, o Brasil passava por um período de “transição” entre o ditatorial e a redemocratização. Nesse contexto, encontrava-se na presidência da república o militar Joao Baptista Figueiredo, quando ocorreu o surgimento de várias universidades de forma desordenada e sem um padrão de qualidade satisfatório. Portanto, com a redemocratização do país, tornava-se essencial buscar a implementação desse padrão de qualidade no ensino superior, a fim de promover o avanço da educação e banir o retrocesso causado pela ditadura.

Nesse contexto surge, em 1979, o Programa de Educação Tutorial (PET), inicialmente intitulado Programa Especial de Treinamento, que tinha por marco:

[...] a formação de grupos tutoriais de alunos de graduação. Principalmente através de atividades extracurriculares, os integrantes dos Grupos PET recebem uma orientação tutorial que objetiva envolver-lhes num processo de formação integral, com uma compreensão abrangente e aprofundada desse mesmo processo, com vistas à melhoria da qualidade dos cursos de graduação, dos quais são alunos, e de sua futura atuação profissional. Como características básicas do Programa, destacam-se a formação acadêmica ampla, a interdisciplinaridade, a atuação coletiva e o planejamento e execução de um diversificado elenco de atividades. (BRASIL, 2001, p. 01)

Fundado como medida para o fortalecimento do ensino enquanto política da educação voltada especificamente para o ensino superior, “o programa, instituído em nível nacional, tinha por objetivo introduzir uma dinâmica diferenciada no cenário universitário, promovendo uma educação global nas universidades brasileiras” (TORINA; ALMEIDA; PAULA, 2016, p.375).

Segundo Borba (2017, p. 34) “a proposta de seu idealizador Claudio de Moura Castro, então diretor da CAPES, foi implementada primeiramente em caráter experimental na Universidade de Brasília, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e na Universidade de São Paulo”. Com implementação de forma gradual nas universidades de todo o país, O Programa Especial de Treinamento – PET tinha o intuito de “[...] oferecer uma formação de excelência para alunos bolsistas, que retornariam às instituições como docentes e pesquisadores, o que parecia ser uma solução para assegurar um desenvolvimento do ensino superior pelo efeito multiplicador que teria (ALVES, 2016, p. 106).

O PET serviria como método para complementar a educação ofertada nas grades curriculares dos cursos de graduação. Borba (2017, p.35) revela que “o desenho do programa em seu primeiro formato refletia a influência de programas tutorias de universidades

estrangeiras, principalmente Honours Programs dos Estado Unidos além de outras iniciativas [...]”.

A intenção inicial do programa se destinava a qualificar graduandos e encaminhá-los para o ingresso em cursos de especialização, mais especificamente Mestrado e Doutorado, assim como comenta Nascimento, Ferreira e Andrade (2015, p.364):

O objetivo inicial do programa era selecionar alunos dos cursos da graduação, os quais tivessem bom desempenho acadêmico e disponibilidade de tempo para se dedicar a ciência e ao conhecimento nos seus estudos, com o ideal tão somente de que esses alunos pudessem ingressar direto da graduação para a pós-graduação *stricto sensu* (a qual se refere ao mestrado e doutorado)

Nesse intuito, o PET selecionava os discentes com melhor índice acadêmico que possuíssem interesse e disponibilidade para realizar as atividades desenvolvidas dentro do programa com a dedicação aos estudos realizados e à ciência. Com a graduação passando por um período de massificação “pensou-se em destacar pequenos grupos de acordo com seus antecedentes, concentrando esforços de orientação, acompanhamento acadêmico e estímulos financeiros de modo a permitir dedicação exclusiva e integral dos alunos para uma formação de alta qualidade” (BALAU-ROQUE, 2012, p. 21).

Este programa visava formar um grupo acadêmico elitista (TOSTA, 2006), ao atuar como modelo formativo que alavancaria a qualidade acadêmica das IES, mantendo-o como um investimento acadêmico atuando diretamente nas graduações (NASCIMENTO; FERREIRA; ANDRADE, 2015), ofertando uma formação diferenciada aos estudantes integrados ao programa com ensino de excelência para a formação de futuros profissionais e pesquisadores, porém “mesmo sendo o principal objetivo do PET a melhoria da qualidade do ensino superior, sua proposta era frágil por atender apenas uma pequena demanda e por limitar-se às atividades academicistas” (BORBA, 2017, p. 35). Borba (2017, p. 35) ressalta que “a perspectiva meritocrática e de treinamento como filosofia relacionou-se diretamente com o contexto de instabilidade que passavam as universidades naquele período”.

Na segunda metade da década de 80 e início da década de 90 o PET consegue consolidar seus grupos mais antigos, ao mesmo tempo em que surgem novos grupos de educação tutorial por todo o país. SILVA et al. (2010) explica que o PET entre os anos de 80 e 90 tiveram três períodos distintos na história do programa, onde até 1985 o PET passa por período de testes ainda com a observação em suas características iniciais, já dos anos de 1986 à 1989 há a institucionalização do PET, enquanto ao início de 1990, o programa passou por período de expansão de grupos nas universidades brasileiras.

Nesse período os objetivos alcançados pelo programa começam a surgir, como a entrada de alunos vinculados ao programa mais frequentemente em cursos de Mestrado e Doutorado. Porém, os grupos PET enfrentaram muitos problemas na segunda metade da década de 90.

No período do governo de Fernando Henrique Cardoso o programa sofre questionamentos sobre sua atuação, pertinência e eficácia das ações desenvolvidas, tornando-se um período de incerteza da continuação da existência do até então Programa Especial de Treinamento (LASAGNO et al, 2010). Durante a segunda metade dos anos 90, mais especificamente de 1995 a 1997 o PET começa a passar por um período turbulento, onde “houve muitas ameaças de extinção do Programa, e muitos bolsistas foram às ruas lutar pela permanência. Foi a partir de então que o caráter político do Programa se instituiu. Assim, em 1998, iniciou um movimento de articulação pela sobrevivência do PET, que persistiu até 2004” (SILVA et al., 2010, p. 112).

Balau-Roque (2012) comenta que em dezembro de 1997 a CAPES abre processo para a desativação do PET. Ao mesmo tempo da iminência da extinção, os grupos foram submetidos a testes avaliativos de desempenho e qualidade, onde o primeiro foi realizado pela própria CAPES e a segunda avaliação foi submetida por uma empresa contratada pelo MEC para prestar essa consultoria, tendo como resultado avaliações positivas em ambos os testes, comprovando os resultados do programa (LASAGNO et al., 2010). Na luta pela sobrevivência, os sujeitos envolvidos nos programas a fim de fortalecerem sua atuação se engajaram e mobilizaram seus grupos PET a ponto de reverter a portaria que extinguiu o programa. E “durante [...] anos de resistência, os bolsistas enfrentaram o atraso e o não pagamento de suas bolsas, cruzando estradas para realizar manifestações públicas em Brasília” (LASAGNO et al., 2010, p. 196)

Alves (2016, p. 106) observa que “quando o programa foi criado, em 1979, foram formados 3 (três) grupos PET. Em 1996 havia 325 grupos. Entretanto, durante o período de 1998 a 2004, muitos grupos foram fechados” por conta do período turbulento. Ainda segundo Alves (2016), a CAPES teve responsabilidade sobre o PET até o fim do ano de 1999, porém a partir de 31 de dezembro de 1999 o programa passou a ser gerido pela Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (SESu/MEC) sendo o Departamento de Modernização e Programas da Educação Superior (DEPEM) seu responsável.

Após um período de incertezas, decorrentes de intensas discussões sobre questões conceituais, orçamentárias e gerenciais, o Programa é reformulado, agora conduzido pela Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação – SESu/MEC. Mantendo grande parte dos seus pressupostos originais, a reformulação adequa o PET a certas circunstâncias e formas de trabalho que, desde a sua concepção, em 1979, passaram a ser inerentes à boa realização da atividade acadêmica e de formação em

instituições de ensino superior. Simultaneamente, como instrumento de política educacional da SESu/MEC, o Programa é orientado a desenvolver-se segundo linhas de ação que procuram maximizar a disseminação da melhoria das condições de aprendizagem e formação, característica dos Grupos PET, a outros segmentos do alunado (BRASIL, 2001, p. 01).

A SESu/MEC teve como pretensão favorecer experiências capazes de elevar o conhecimento do aluno participante do programa, possuindo várias vertentes envolvidas em sua constituição, pois ao entender sua estrutura oferecida como forma de investimento acadêmico, visa não somente o mercado de trabalho, mas o desenvolvimento social e humano:

A médio e longo prazo, a SESu/MEC espera fomentar a formação de profissionais de nível superior, nas diversas áreas do conhecimento, dotados de elevados padrões científicos, técnicos, éticos e com responsabilidade social, nas diversas áreas do conhecimento, que sejam capazes de uma atuação no sentido da transformação da realidade nacional, em especial como docentes e pesquisadores pós-graduados em áreas profissionais. (BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR, 2006, p. 05)

Com mudança de gestão, a finalidade do programa teve enfoque na melhoria acadêmica no sentido de torná-la mais ampla e diversificada com a preocupação na formação cidadã, mais voltada para a sociedade. Martins (2010, p. 01) comenta que até o ano de 2004, a condução do programa pela SESU/MEC “enfrentou diferentes problemas em sua manutenção e até mesmo na sua acomodação nesse novo ambiente. A mudança provocada pela saída da CAPES trouxe a necessidade de repensar o programa frente às diretrizes definidas para a educação superior naquele momento histórico”.

Em 2003, ao solidificar as novas perspectivas de sua filosofia durante o mandato do governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, o programa ganha outro significado para a sua sigla, definindo-a como Programa de Educação Tutorial (PET). O programa começa a dar “[...] ênfase à tríade *Ensino, Pesquisa e Extensão*, em uma perspectiva interdisciplinar, através da atuação coletiva e interação contínua dos bolsistas com a graduação, contando com a realização de um diversificado programa de atividades acadêmicas e culturais” (LASAGNO et al., 2010, p. 196).

Porém, legalmente o PET em sua conjuntura mais atual só foi instituído oficialmente em 2005, através da promulgação da Lei nº 11.180/2005, em seu artigo 12, que relata esse avanço da seguinte forma: “fica instituído, no âmbito do Ministério da Educação, o Programa de Educação Tutorial - PET, destinado a fomentar grupos de aprendizagem tutorial mediante a concessão de bolsas de iniciação científica a estudantes de graduação e bolsas de tutoria a professores tutores de grupos do PET” (BRASIL, 2005, p. 04).

Considerando o período de incertezas e lutas pela manutenção do programa, a instituição através da lei “foi uma conquista para o Programa, pois garante que eventos como sua possível extinção repentina não ocorram novamente” (BALAU-ROQUE, 2012, p. 22). O programa também era regulado pela Portaria nº 3.385/2005<sup>1</sup>, que dispunha sobre a orientação do grupo pela indissociabilidade tríade ensino pesquisa e extensão, os objetivos, competências, organização, atribuições e procedimentos de avaliação, pela portaria nº 1.632/2006<sup>2</sup>, que tratava da duração da bolsa de tutoria, onde definia sua duração em três anos prorrogável por igual período, conforme o parecer que será disponibilizado pela comissão de avaliação, e pela portaria nº 1.046/2007<sup>3</sup> que alterava valores das bolsas de tutores com mestrado ou doutorado do Programa de Educação Tutorial.

Atualmente, “[...] já na sua nova modalidade, implantada pelo MEC em 2010 e regulamentada pela portaria 976 do MEC, publicada no D.O.U de 28/07/2010, o PET traz um caráter diferenciador: a integração de graduandos de diversos cursos que instrumentalizam os grupos para garantir uma formação pluralista” (CARVALHO, et al., 2018, p. 31). A portaria Mec nº 976/2010, é, na verdade, a republicação da Portaria MEC nº 591/ 2009 com as alterações de redação feitas pela Portaria MEC nº 975/2010. Esta portaria Além de enfatizar que o PET é formado por grupos de tutoria a partir de cursos de graduação orientados pelo princípio da indissociabilidade acadêmica entre ensino, pesquisa e extensão, dispõe, entre outros temas, sobre as formas de implementação e expansão de novos PET, sobre organização acadêmica, e sobre a organização administrativa do programa através de um Conselho Superior e de Comitês Locais de Acompanhamento e de uma Acompanhamento e Avaliação - CLAA.

A portaria nº 276 /2016 inovou no sentido de dinamizar e flexibilizar a estrutura proposta para os grupo PET, redefiniu o tempo em que o tutor pode ficar a frente de um grupo, além de definir uma estrutura para a gestão do programa a nível nacional.

Além dos dispositivos legais como lei e portarias já mencionadas, o programa é norteado pelo Manual de Orientações Básicas que direciona o papel dos sujeitos envolvidos nesse programa bem como as atividades, deveres e características que os grupos devem possuir a nível nacional. Este manual visa que a educação tutorial seja um modelo pedagógico para as universidades, sendo desenvolvido “[...] com a finalidade de orientar o funcionamento do programa além de garantir a sua unidade nacional. Portanto, as orientações nele contidas devem

---

<sup>1</sup> Esta portaria foi revogada pela [Portaria MEC nº 591, de 18.06.2009](#), DOU 19.06.2009, que trata de forma mais atual o tema.

<sup>2</sup> Revogada pela [Portaria MEC nº 591, de 18.06.2009](#), DOU 19.06.2009, que trata de forma mais atual o tema.

<sup>3</sup> Revogada pela [Portaria MEC nº 591, de 18.06.2009](#), DOU 19.06.2009, que trata de forma mais atual o tema.

ser interpretadas seguindo esse princípio” (BRASIL, 2006, p. 05) como será visto no próximo tópico.

## **2.2 Elementos caracterizadores do PET a nível nacional**

O programa de Educação Tutorial é composto por grupos tutoriais formados por alunos bolsistas, não bolsistas e um professor tutor que desenvolvem ações que favoreçam a consolidação da tríade ensino, pesquisa e extensão (BRASIL, 2006), oportunizando experiências na formação acadêmica que ampliem conhecimentos para além da oferecida a partir da grade curricular dos cursos de graduação nas IES.

As atividades de ensino realizadas possibilitam a interação dos bolsistas do grupo com a equipe docente da faculdade onde está inserido, bem como com os alunos. No quesito pesquisa, o grupo tem a oportunidade de aprofundar conhecimentos sobre a área de seu curso, procurando abordar temas interdisciplinares que complementem a formação, buscando suprir lacunas dos currículos acadêmicos e ainda estejam de acordo com os interesses do grupo. Quanto à atividade de extensão, promove-se uma integração de conhecimento acadêmico com o conhecimento da comunidade no qual será realizado o trabalho, exercitando, assim, a futura prática profissional (SILVA, et al, 2010, p. 114).

Possibilita, nesse sentido, a integração de alunos em sua compreensão de si mesmo e do mundo que o permeia, objetivando “[...] contribuir com experiências que redundem em problematizações e propostas para a otimização dos processos de ensino-aprendizagem na educação superior (SILVA, et al, 2010, p. 110). Baseado na tutoria dinamizada, nas bases atuais, o pensamento crítico é desenvolvido e noções do coletivismo e independência na aprendizagem são incentivados, criando uma rede onde os alunos selecionados a participarem do programa juntamente ao professor tutor tenham a oportunidade de partilhar os conhecimentos adquiridos nas ações do programa (NASCIMENTO; FERREIRA; ANDRADE, 2015).

Um grupo tutorial se caracteriza pela presença de um tutor com a missão de estimular a aprendizagem ativa dos seus membros, através de vivência, reflexões e discussões, num clima de informalidade e cooperação. O método tutorial permite o desenvolvimento de habilidades de resolução de problemas e pensamento crítico entre os bolsistas, em contraste com o ensino centrado principalmente na memorização passiva de fatos e informações, e oportuniza aos estudantes tornarem-se cada vez mais independentes em relação à administração de suas necessidades de aprendizagem (BRASIL, 2006, p.06).

No desenvolvimento dessas ações coletivas permite-se aos alunos construir a noção de trabalho em equipe, a própria dinâmica individual, bem como o desenvolvimento do

compromisso com a comunidade acadêmica e a sociedade em geral, “o aluno em contato com a comunidade se percebe um ser autônomo e consciente da sua posição de aprendiz, mas ao mesmo tempo capaz de intervir no mundo com seu conhecimento” (SILVA et al., 2010, p. 115), que ocorrem a partir do compartilhamento de vivências, já que a atuação alcançada pelo PET não se restringe aos alunos participantes do programas, mas todos os alunos da IES direta ou indiretamente:

A ação em grupo e a dedicação ao curso permitem desenvolver a capacidade de trabalho em equipe, facilitar a compreensão das características e dinâmicas individuais, bem como a percepção da responsabilidade coletiva e do compromisso social. A inserção do grupo dentro do curso permite que estas capacidades se disseminem para os alunos do curso em geral, modificando e ampliando a perspectiva educacional de toda a comunidade. Este desenvolvimento terá uma interação dinâmica com o projeto pedagógico do curso, em processo de mútuo aperfeiçoamento (BRASIL, 2006, p. 06).

A noção de coletividade dos grupos do Programa de Educação Tutorial nas atividades desenvolvidas é composição essencial, possibilitando a aprendizagem não somente aos alunos que possuem corresponsabilidade pelo seu desenvolvimento profissional e pessoal, mas favorece os próprios tutores por garantir experiências enquanto sujeito ativo no programa, já que, segundo Alves (2016, p. 109), “[...] ele também adquire novos conhecimentos na tutoria que vão ser somados aos outros saberes que os docentes já têm”.

Nesse sentido, para que o grupo atinja sua finalidade, tutores e alunos desempenham o papel de agente transformador, participando de forma igualitária para a ampliação de conhecimento (BALAU-ROQUE, 2012). No PET se tem, portanto, a responsabilidade de promover a formação do conhecimento em sentido amplo, a fim de melhorar a capacidade de seus participantes, em vários aspectos que compõem as experiências obtidas, desde o ponto de vista individual ao sentido profissional e social,

Segundo Tosta et al. (2006), a realização dessas atividades extracurriculares propicia uma formação integral que facilite o destaque dentro do mercado de trabalho, assim como visa uma formação global, solidificando consciências social e cidadã, “[...] estimulando a fixação de valores que reforcem a cidadania e a consciência social de todos os participantes e a melhoria dos cursos de graduação” (BRASIL, 2006, p.06). No que se refere aos objetivos mais específicos que o programa busca atingir, o papel que o PET visa desenvolver para melhorar a formação acadêmica é representado em três eixos.

O primeiro eixo assinala que o PET deve desenvolver estratégias em seus grupos que permitam ocorrer uma modernização do ensino superior no Brasil, já que uma das

características essenciais ao programa se refere a necessidade de que a formação acadêmica seja condizente com o atual estágio que as ciências estejam.

O segundo eixo pretende que os grupos PET estimulem a melhoria do ensino na graduação, através:

- do desenvolvimento de novas práticas e experiências pedagógicas no âmbito do curso;
- do desenvolvimento de ações que procurem integrar o ensino, a pesquisa e a extensão;
- da atuação dos bolsistas como agentes multiplicadores, disseminando novas idéias e práticas entre o conjunto dos alunos do curso;
- da interação dos bolsistas do Programa com os corpos docente e discente da instituição, inclusive em nível de pós-graduação, quando for o caso;
- da participação em atividades características de programas de pós-graduação;
- do desenvolvimento de atividades que promovam o contato dos bolsistas e demais alunos do curso com a realidade social em que o grupo/curso/ou IES estejam inseridos, estimulando o desenvolvimento de uma consciência do papel do aluno/curso/IES perante a sociedade (BRASIL, 2006, p. 08).

Enquanto o terceiro eixo objetiva que os grupos alcancem uma formação acadêmica de alto nível, ao formar, a partir das diretrizes do programa, um profissional crítico, reflexivo e atuante orientado pela cidadania e pela função social, através:

- do desenvolvimento de ações coletivas e capacidade de trabalho em grupo;
- da facilitação do domínio dos processos e métodos gerais e específicos de investigação,
- análise e atuação da área de conhecimento acadêmico-profissional;
- do envolvimento dos bolsistas em tarefas e atividades que propiciem o APRENDER FAZENDO E REFLETINDO SOBRE;
- da discussão de temas éticos, sócio-políticos, científicos e culturais relevantes para o País e/ou para o exercício profissional e para a construção da cidadania;
- da promoção da integração da formação acadêmica com a futura atividade profissional,
- especialmente no caso da carreira universitária, através de interação constante com o futuro ambiente profissional;
- da participação, com igual ênfase, no ensino, na pesquisa e na extensão (BRASIL, 2006, p. 08).

Atualmente, segundo o *site* do Ministério da Educação, o PET conta com um total de 842 grupos distribuídos em 121 Instituições de Ensino Superior em todo o país em diversos cursos de graduação. Na configuração atual o programa é constituído de grupos tutoriais na formação com até 12 alunos bolsistas denominados petianos, até 6 alunos não bolsistas e a presença de um professor que exerce tutoria nas atividades desenvolvidas a partir da formação de nível de graduação, sendo um programa de longo.

O papel das Instituições de Ensino Superior frente ao programa é dar condições de desenvolvimento, como suporte administrativo aos grupos PET, como é afirmado no Manual de Orientações Básicas: “dentro do programa, a IES é responsável por dar o suporte administrativo aos grupos, desenvolver o processo de acompanhamento institucional do programa e contribuir no aumento do significado acadêmico-pedagógico de suas atividades, garantindo a autonomia dos grupos” (BRASIL, 2006, p. 07).

O tutor é responsável perante as Instituições de Ensino Superior e frente a SESu/MEC por garantir a orientação dos alunos vinculados ao programa “cabe a ele orientar os bolsistas no caminho de uma aprendizagem segura, relevante, ativa, planejada e adequada às necessidades do grupo e do curso como um todo” (BRASIL, 2006, p. 07), mediando o processo de ensino-aprendizagem, organizando e estabelecendo a dinâmica que o grupo PET terá, planeja as atividades do grupo e supervisiona em todas as etapas, em um “[...] esforço contínuo para não dirigir o grupo de alunos segundo as suas crenças e valores, não confundir o seu papel e não desvirtuar os objetivos da tutoria” (MARTINS, 2010, p. 03).

A tutoria, nesse sentido, se justifica essencialmente por propiciar experiências corroboradas em coletivo de modo crítico e reflexivo, onde são estimuladas aprendizagens a nível pessoal e grupal, e que possibilitam procedimentos para facilitar a aprendizagem, além de produzir novos conhecimentos em uma relação mais organizada entre professor e os alunos envolvidos. É de responsabilidade também do tutor do Programa de Educação Tutorial, coordenar a seleção dos bolsistas, elaborar a prestação de contas e de demandas das IES e SESu/MEC, entre outras atribuições:

- planejar e supervisionar as atividades do grupo e dos alunos bolsistas e não bolsistas;
- coordenar a seleção dos bolsistas e não bolsistas;
- submeter a proposta de trabalho do grupo para aprovação pelo curso de graduação antes do envio à Pró-Reitoria de Graduação;
- organizar os dados e informações sobre as atividades do grupo para subsidiar a elaboração do relatório da IES e a avaliação de consultores e avaliadores;
- dedicar carga horária mínima de 8 horas semanais para orientação dos bolsistas e do grupo, sem prejuízo das atividades de sala de aula da graduação;
- atender, nos prazos estipulados, às demandas da instituição e da SESu;
- solicitar ao Comitê Local de Acompanhamento, por escrito, justificadamente, seu desligamento ou de aluno(s) bolsista(s);
- controlar a frequência e a participação dos bolsistas;
- elaborar a prestação de contas da aplicação dos recursos recebidos, a ser encaminhada a SESu;
- fazer referência a sua condição de bolsistas do PET nas publicações e trabalhos apresentados;
- cumprir as exigências estabelecidas no Termo de Compromisso;
- não receber qualquer outro tipo de bolsa. (BRASIL, 2006, p. 14)

Os petianos que atuam no PET são alunos de graduação de universidades públicas, que por meio de seletivos, são escolhidos para atuarem nas ações desenvolvidas pelo programa, “todos participam de forma igual, e não há hierarquia entre o tutor e os estudantes” (BALAUROQUE, 2012, p. 32). Comprometem-se a realizar as atividades planejadas pelo grupo e dispõem de carga horária semanal de 20 horas para a sua efetivação. Os petianos podem ser alocados em duas categorias: bolsistas e não-bolsistas. Aqueles aprovados como bolsistas dispõem de uma bolsa mensal no valor de R\$ 400,00 reais para o auxílio do aluno, e os grupos fazem jus ainda do custeio que é recurso que equivale a uma bolsa de R\$ 400,00 reais, correspondente a cada aluno participante que é disponibilizada semestralmente (BRASIL, 2006).

LASAGNO et al. (2004, p. 05) afirmam que aos discentes que participam do PET “[...] é instituído que devem manter bom rendimento escolar e não ter reprovações, participar ativamente das atividades do grupo e do programa, dedicar-se em tempo integral ao curso de graduação e ao PET”. O papel do aluno petiano visa sempre a manter a qualitativa acadêmica, respeitando os preceitos instituídos no programa, e suas atribuições também são apontadas no Manual de Orientações Básicas, tendo os alunos bolsistas e não-bolsistas as mesmas responsabilidades no programa:

- zelar pela qualidade acadêmica do PET;
- participar de todas as atividades programadas pelo professor tutor;
- participar, durante a sua permanência no PET, de atividades de ensino, pesquisa e extensão;
- manter bom rendimento no curso de graduação;
- apresentar excelente rendimento acadêmico avaliado pelo tutor;
- publicar ou apresentar, em evento de natureza científica, um trabalho acadêmico por ano, individualmente ou em grupo.
- fazer referência à sua condição de bolsista do PET nas publicações e trabalhos apresentados;
- cumprir as exigências estabelecidas no Termo de Compromisso;
- dedicar-se, em tempo integral, às atividades do curso de graduação e do Programa de Educação Tutorial, com carga horária mínima de 20 horas semanais;
- não receber qualquer outro tipo de bolsa (BRASIL, 2006, p. 15).

Os alunos vinculados ao programa, bolsistas e não-bolsistas, terão a garantia de recebimento de certificado, após 2 anos participação efetiva no Programa de Educação Tutorial, que será emitido pela respectiva IES da qual participa, tendo seu modo de participação indicado no certificado (BRASIL, 2006).

### **3 O PET CIÊNCIAS NATURAIS CAMPUS BACABAL - ESTUDO DE CASO**

Neste capítulo será apresentada a pesquisa realizada sobre o PET Ciências Naturais campus Bacabal. Primeiramente será apresentado uma pesquisa documental sobre a origem deste grupo e suas características de criação, e posteriormente serão relatadas e discutidas as opiniões dos petianos ativos e egressos sobre suas percepções acerca da organização, das relações dentro do grupo, bem como o papel do Programa de Educação Tutorial para sua vida acadêmica e profissional, para universidade e para a comunidade.

#### **3.1 Elementos Constitutivos do PET Ciências Naturais Campus Bacabal**

O grupo PET Ciências Naturais Campus Bacabal teve sua proposta de projeto de formação encaminhado ao MEC, a SESu e à Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) em 20 de novembro de 2010, de acordo com as normas do edital PET 2010 (edital nº 09) que convoca as IES a apresentarem propostas para a criação de 300 novos grupos em âmbito nacional.

No edital do programa, as vagas ofertadas foram divididas em lotes enquadrados de A à F, com diferentes alvos. Em sua proposta, este grupo foi enquadrado no lote A, que tinha como propósito a criação de 40 novos grupos destinados aos campi que não pertenceriam às sedes das universidades federais, nos campi que foram criados para a expansão das instituições federais de ensino superior, independentemente do número de grupos já existente na instituição (MEC, 2010a).

Este grupo tem como unidade geral a Universidade Federal do Maranhão campus III/Bacabal, enquanto sua unidade de origem é de responsabilidade da Coordenação do Curso de Ciências Naturais (CCCN). No entanto, apesar desse vínculo com a CCCN, o grupo tem seu alcance Institucional ligados a dois cursos de graduação existentes no campus, sendo eles: o próprio Curso de Licenciatura em Ciências Naturais e o Curso de Licenciatura em Ciências Humanas, podendo envolver alunos e professores de ambos os cursos, tendo em sua abrangência um caráter interdisciplinar (UFMA, 2010a).

Em sua proposta, o projeto de grupo intitulava-se “PET- Interdisciplinaridade no Ensino Fundamental”, com desenvolvimento no campus de Bacabal, no intuito de amplificação interdisciplinar envolvendo as áreas de Ciências Naturais e Ciências Humanas por meio de problematizações sobre a realidade na atenção básica, comunidade e na sociedade contemporânea enquanto questões de investigação (UFMA, 2010a).

O grupo PET foi proposto com objetivo principal de preparar seus integrantes de graduação para a realidade em que a comunidade local está inserida, por meio de múltiplas atividades com metodologia tutorial. Isso decorre da metodologia do PET que possibilita o desenvolvimento de projetos pautados na tríade ensino-pesquisa-extensão, permitindo a práxis através de ações que envolvem conhecimentos prévios e novas aprendizagens em situações reais em uma relação dialética entre teoria e prática (UFMA, 2010a).

Por meio do planejamento das atividades, o grupo PET se propõe a desenvolver ações sociodidáticas diversificadas e dirigidas ao ensino fundamental, a partir dos preceitos norteadores das licenciaturas que fariam parte do grupo. Enquanto estratégia de fortalecimento da tríade acadêmica, proporcionariam o maior envolvimento dos estudantes universitários em seu processo de formação, enquanto interligaria a universidade com as demandas da sociedade bacabalense (UFMA, 2010a).

Um dos fatores apresentados no projeto como justificativa para a criação do grupo PET no campus Bacabal se refere a perspectiva de que o grupo auxiliaria na permanência dos alunos dentro a Instituição, já que dentro dos cursos o aspecto financeiro e o próprio desconhecimento da abrangência dos cursos são causadores de abandono da graduação (UFMA, 2010a), e nesse sentido, o programa ao se efetivar oportunizaria a ampliação dos conhecimentos e seria uma solução para minimizar essa tendência.

Com a criação desse grupo, almejou-se proporcionar uma mudança na formação das graduações envolvidas, além de uma reflexão do trabalho tanto de alunos quanto professores em relação a realidade acadêmica, sendo sujeitos no processo de aquisição e produção do saber. Além de favorecer a construção de um processo de ensino-aprendizagem interdisciplinar de forma crítica e reflexiva, tendo como meta a qualificação e desenvolvimento da UFMA campus Bacabal, e como consequência, a melhoria do serviço oferecido à população (UFMA, 2010a).

A proposta de criação do PET foi aceita em 30 de novembro de 2010, através de convocação em segunda chamada. A efetuação do registro se deu na plataforma do Sistema de Informações Gerenciais do Programa de Educação Tutorial (SIGPET), onde são realizados os cadastramentos de novos grupos, tutores e a graduandos. Além de ser O SIGPET também é o local onde se realizam o registro, a homologação e/ou encaminhamento de documentos que pertençam aos grupos, a exemplo dos módulos de pagamento de bolsa, do planejamento de atividades anual dos grupos, bem como os relatórios de atividades que foram desenvolvidas durante o ano etc. (UFMA, 2010b).

O grupo PET não havia se classificado em primeira chamada e sua convocação só foi possível pela existência de disponibilidade orçamentária, onde propostas não aceitas na

primeira chamada, por exceder o limite de vagas, puderam ser aprovadas (MEC, 2010b). Na declaração de aprovação da proposta o grupo PET, aqui referido, já estava denominado PET Ciências Naturais. Ressalta-se, entretanto, que não foram encontrados registros documentais das motivações de mudança do nome, o grupo nesse período estava sob a coordenação da professora Jemmla Meira Trindade.

Seu registro na plataforma SIGPET foi efetivado no dia 03 de dezembro de 2010. De acordo ainda com esta plataforma, o grupo PET Ciências Naturais Campus Bacabal, desde a sua criação, já abrangeu 51 alunos no programa, tendo 41 alunos inativos e 10 alunos bolsistas ativos atualmente. No que se refere ao número de tutores registrados, passaram pelo programa um total de 4 tutores até o período atual.

### **3. 2 Os pesquisados**

Esta investigação buscou em sua finalidade contribuir, numa abordagem qualitativa, à reflexão sobre as características do PET, partindo da especificidade do contexto do grupo pesquisado. Pela atual situação em que o país se encontra (em plena pandemia do Corona vírus) não foi possível realizar a entrevista com os integrantes do programa como estava planejado inicialmente. Por esse motivo foi necessária a aplicação de um questionário pela plataforma Google Forms, para que esta investigação se tornasse viável.

Optou-se por pesquisar a percepção dos alunos participantes do PET, buscando compreender como seus integrantes e ex-integrantes do programa enxergam essa experiência quanto a organização, as relações dentro do grupo, bem como o papel do PET para sua vida acadêmica e profissional e para a comunidade que o grupo está inserido, enquanto política federal educacional, já que o programa “[...] compreende um dos desdobramentos do desenho da política de qualificação da educação superior em nível nacional” (BORBA, 2017, p. 15).

Nesse sentido, conseguiu-se abranger dois grupos distintos dentro da proposta desta monografia: os petianos ativos (que posteriormente serão identificados como P.) dentro do PET Ciências Naturais campus Bacabal e os egressos da UFMA que fizeram parte do mesmo grupo (Posteriormente citados como E.P.). Assim, os resultados obtidos decorrem 66,7% de petianos ativos e 33,3% de egressos do programa: 10 petianos ativos e 5 egressos no período pesquisa.

Observa-se aqui que todas as respostas referentes a atuação, organização e formas como o PET trabalha são ligadas principalmente à gestão do tutor Meubles Borges Júnior, pois recentemente o grupo passou pela mudança de tutor, e a pesquisa já estava sendo finalizada.

Sendo assim, ainda não há registros suficientes para se destacar possíveis mudanças entre gestões.

### 3. 2. 1 Impressões e relações.

Segundo Borba (2017), o papel que o PET desenvolve não se restringe ao espaço que a universidade possui. Por ser um programa que propõe o conhecimento amplo, possui uma gama extensa de atividades que compreende a complexidade dessa aprendizagem e permite que através do programa experiências sejam concretizadas em atividades extracurriculares. Nesse sentido, buscou-se compreender como os integrantes do PET Ciências Naturais enxergavam o programa antes do contato inicial com as reuniões, projetos e ações.

Em relação a essas expectativas antes da integração efetiva no programa, os egressos do PET Ciências Naturais comentam:

*E.P 2: As expectativas a respeito do ingresso no grupo era bastante grande, principalmente por eu ter idealizado o programa tendo um nível alto em relação a realização de pesquisas e produção de artigos.*

*E. P. 3: Minhas expectativas eram as melhores, acreditava que iria crescer meus conhecimentos, iria ter novas visões de pensamentos, iria experimentar algo novo e expandir meu cognitivo.*

*E. P. 5: [...] precisava da bolsa para me ajudar com o transporte que eu tinha que pagar mensalmente para o meu deslocamento até a universidade. Mas eu tinha também, além do meu interesse na bolsa, curiosidade de como era aquele projeto e de como ele se desenvolvia.*

Um ponto a ser observado nessas respostas são as altas expectativas em relações a ações do programa, e a curiosidade de se aprofundar pela ampliação de conhecimentos com enfoque na produção escrita e o contato com saberes variados. Ressalta-se a resposta da egressa **E. P. 5**, ao destacar a busca do ingresso no programa como uma maneira de se manter na universidade, como já foi visto, uma das justificativas de criação do grupo do PET Ciências Naturais em Bacabal era, além de garantir uma melhor qualificação, viabilizar meios para que o aluno permanecesse na universidade.

Em consonância as essas visões do programa os petianos ativos no programa inferem:

*P. 3: Minhas expectativas sempre foram boas em relação ao PET, pois sempre ouvir falar muito bem do programa, e ao saber que ele*

*trabalhava com ensino, pesquisa e extensão aí mesmo que fiquei feliz em poder participar do programa.*

**P. 6:** *As minhas perspectivas eram as melhores, e quando ingressei tudo aconteceu conforme eu já imaginava, grupo muito acolhedor e ao longo do tempo só aprendizagem.*

**P. 9:** *As melhores possíveis. Minhas concepções prévias eram de que o Pet e a relação com os demais petianos iria acrescentar bastante na minha vida academia e pessoal.*

Já, quando perguntados sobre qual a primeira impressão ao entrar no grupo PET, e se isso confirmou ou não com o decorrer do tempo o grupo de petianos egressos e ativos tiveram respostas bastante contrastantes.

Os egressos do programa afirmam:

**E.P. 1:** *As expectativas foram frustradas. Uma vez que a realidade do projeto não era condizente com os objetivos reais do PET.*

**E.P. 2:** *De certa forma, eu fiquei esperando algumas reuniões para poder se situar no programa, mas depois percebi que criei uma expectativa muito grande em relação ao que eu identifiquei. Pois na verdade havia uma falta de compromisso por parte de muitos bolsistas e logo muitas atividades eram atrasadas. A falta de comprimento levava a deixar algumas reuniões desmotivantes.*

**E. P. 4:** *Na verdade, no decorrer do processo, comecei a perceber algumas lacunas, como por exemplo, falta de organização, falha nos cumprimentos de tarefas, dentre outros fatores. Embora, tenha havido essas "falhas", mas é inegável que pet fez parte da minha história acadêmica.*

**E. P. 5:** *Na verdade eu não me senti muito bem, eu não tinha muita vontade de ir para as reuniões, isso nos primeiros meses, eu me senti deslocada, não sabia muito que fazer, o Pet parecia mais uma competição sobre quem era o melhor, pelo menos essa era a impressão que eu tinha no início*

Enquanto os petianos ativos afirmam:

**P. 3:** *A primeira impressão foi muito boa, na primeira reunião já me senti muito bem a recepção foi muito boa mesmo, no decorrer do programa está sendo bom, porém com algumas ressalvas que ocorre em qualquer grupo onde se trabalha com pessoas, mas o grupo em si é muito bom, sinto que já evoluímos muito com respeito a tudo dentro do PET.*

*P. 4: Que no grupo todos estavam dispostos a ajudar e contribuir com as atividades, sempre houve cordialidade e respeito a opiniões dos colegas e isso só se confirmou com o passar do tempo.*

*P. 6: A minha primeira impressão foi ótima, todos muito acolhedores e se confirmou ao decorrer do tempo.*

*P. 7: Assim que eu entrei no grupo percebi certa separação dentro do grupo, entre os participantes de ciências Naturais e Humanas, o que se confirmou depois, mas foi se modificado ao longo do tempo com a entrada de novos petianos. Em relação as atividades, minha primeira impressão foi que tínhamos uma gama boa de atividades, mas que poderiam ser mais diversificadas, o que aconteceu nas próximas definições de ações. O grupo foi se remodelando aos poucos, se tornou mais dinâmico, mais unido no início minha impressão era que não é apenas um grupo, não havia muita inclusão.*

Pode-se perceber uma variação significativa de suprimento de expectativas. Com relação as respostas fornecidas pelo grupo de egressos, de forma geral, se apontam questões como falta de compromisso e heterogeneidade do grupo, que causava separação de seus integrantes em dois grupos. O primeiro formado por discentes do curso de Ciências Naturais e o segundo por alunos de Ciências Humanas, como aponta a integrante ativa **P.7**, além do destaque da resposta da petiana egressa **E. P 5** sobre a existência de competitividade dentro do grupo.

Nota-se, nesse sentido, certa fragilidade no que se refere as relações interpessoais e organizativas do grupo, inicialmente, o que interfere nas prerrogativas do programa, já que o PET se compromete em proporcionar através “[...] do elemento do envolvimento, propondo ações que potencialize capacidades interativas, orientadas para o desenvolvimento social, acadêmico e profissional, numa perspectiva tanto individual quanto coletiva” (BORBA, 2017, p. 63).

Contudo, na atual disposição em que se encontra o grupo PET, pode se entender que houve o fortalecimento e melhoria das deficiências apontadas pelo grupo de egressos. Petianos ativos apontam que, de modo geral, o grupo tem sido cordial e respeitoso. Esse avanço pode ser bem identificado principalmente pela petiana **P. 7**, quando cita receptividade dos integrantes e a dinamicidade de atividades, destacando a união que o grupo começou a desenvolver, enfatizando essa mudança.

Esse aspecto heterogêneo e separador é melhor destacado nas respostas dadas pelos egressos quando falam sobre as relações entre os próprios petianos:

*E.P. 1: Os petianos não tinham boa relação entre si. Uma vez que havia um abismo entre os integrantes de CN e CH.*

*E.P. 2: Essa relação se dava de forma conflituosa, havia uma clara divisão entre os bolsistas de ciências naturais e os de ciências humanas. Sendo meio complicado o consenso em torno de muitas questões internas. Mas havia o convívio natural entre os membros. Em alguns momentos era como se existisse dois grupos dentro de um, com projetos distintos e realização distinta pelas áreas de conhecimento.*

*E. P. 5: No início quando entrei eu não sentia que a relação entre os petianos era boa não, mas ai depois com o passar dos anos os petianos começaram a ser mais unido, os trabalhos em equipe ficou mais agradável, apesar das dificuldades e limitações de cada um. Enfim, quando saí do Pet a relação entre os petianos era muito boa, todo mundo se dava bem.*

Nessas considerações sobre a falta de receptividade, egressos observam que a separação e distanciamento que ocorria dentro de grupo PET Ciências Naturais tinha causa principalmente com diferenças de cursos abrangidos no grupo em questão, tornando uma relação ruim e conflituosa, assim como apontam os egressos **E. P. 2.** e **E. P. 5.** Apesar desse cenário conflituoso, a mudança pode ser observada com as respostas dos bolsistas atuais, apontando um fortalecimento das relações entre petianos, onde há unanimidade na atuação mais harmoniosa do grupo, embebidas de cordialidade e respeito:

*P. 1: Em relação a isso é legal, são amigáveis.*

*P. 3: Muito boa, alguns desencontros de ideias, mais sempre respeitando um ao outro.*

*P. 4: Até o momento todos se tratam com respeito, educação e se ajudam entre si.*

*P. 7: Hoje em dia, posso dizer que é muito boa, resolvemos tudo em conjunto, as discussões tendem a ser ouvidas e resolvidas, todos dão ideias, trabalham juntos, apesar de algumas vezes haver discordância, facilmente resolvida.*

*P. 9: Sempre cordial. Apesar de termos opiniões distintas, o respeito dentro do grupo é bastante notório.*

*P. 10: Saudável.*

Já na relação entre petianos e tutor, pode-se perceber maior consonância entre os dados coletados. O papel do tutor, como já discutido anteriormente, articula o conhecimento, ajuda a organizar e guiar as atividades desenvolvidas, assim “para que os objetivos de qualquer tutoria se cumpram é essencial que o tutor exerça bem o seu papel de orientação, pois ele é considerado

como um guia e uma referência para o aluno” (ALVES, 2016, p. 87). E nesse sentido, as respostas de egressos e petianos ativos se assemelham.

Egressos explicam que

*E. P. 1: A relação entre o tutor e os petianos a meu era bem tranquila. O professor sempre foi extremamente acessível.*

*E. P. 3: Tínhamos muito contato com o tutor, sempre que preciso ele estava pronto para ajudar.*

*E. P. 4: Amigável.*

*E. P. 5: Ele sempre quis dar o melhor dele na direção do Pet, ele quis que o Pet se destacasse dentro da universidade, acredito que era por isso que ele exigia muito o nosso trabalho. Ele organizou muita coisa dentro do Pet, coisas que não eram organizadas na tutoria anterior.*

E para petianos ativos:

*P. 1: Relação mútua de respeito.*

*P. 2: Boa relação, mas sempre com cobranças para que desenvolvamos o melhor possível.*

*P. 5: Quando cumprimos sempre com nossas atividades nosso tutor sempre nos parabeniza como forma de nos incentivar ainda mais, quando estamos com qualquer dúvida ele sempre tenta nos explicar de forma mais simples possível, nosso tutor nos guia e nos orienta e nós cumprimos nossa parte realizando as tarefas.*

*P. 6: Às vezes era meio difícil, porque o nosso tutor cobrava de algo que ele pedia e as vezes o tempo era curto, mas eu sei que por justa causa. Até porque ele desenvolveu uma tutoria de excelência [...].*

*P. 9: Uma relação cordial e de respeito.*

*P. 9: Boa.*

Pode-se inferir que o papel do tutor exercido neste grupo tem melhor estreitamento nas relações pessoais e coletivas, seu trabalho como mediador e orientador nas ações do PET, são principalmente destacados pelas falas de **E. P. 5** e **P. 5**, o trabalho do tutor do grupo como organizador e guia nas ações. Egressos atribuem de modo geral, características como: acessível, organizado e solícito; enquanto petianos ativos conferem à sua relação com o tutor características como: cordial e respeitosa; além de considerarem a atuação do tutor como uma presença sempre incentivadora dos integrantes, para a autorresponsabilidade no desenvolvimento das atividades com qualidade e nas demais dinâmicas do grupo. Alves (2016, p. 190) pondera que

Na ação tutorial, embora a relação tutor-tutorando não seja de igual pra igual, deve ser de parceria e colaboração. A tutoria requer aproximação e confiança entre as duas partes, entretanto, muitas vezes os alunos preferem procurar os seus pares em vez de procurar a tutoria por causa da relação de igualdade ser algo que os deixa mais confortáveis.

Esse é um aspecto importante a ser destacado, pois segundo Borba (2017), a tutoria implica nas transformações dos petianos em protagonistas do seu processo de aprendizagem, onde além de mediar, permite que a troca de experiência seja um elemento presente dentro da construção do saber. Além deste aspecto, sabe-se que o tutor tem um papel fundamental na mediação de conhecimento tanto numa orientação coletiva quanto individualmente, e deve, em certa medida compreender a diversidade que seu grupo possui, contribuindo para flexibilizar discussões através de uma relação dialógica.

### **3. 2. 2 Planejamento, desenvolvimento e dificuldades.**

Os grupos PET anualmente tem a obrigatoriedade de desenvolver documentos que indiquem desde o apontamento de atividades à sua confirmação de realização e gastos de verba. Estes documentos são: i) Planejamento das atividades do próximo ano; ii) Relatório das atividades desenvolvidas no ano anterior; e iii) Prestação de contas. Todos esses relatórios, são de responsabilidade de envio do tutor, tendo datas específicas para serem homologados no sistema e encaminhados para avaliação.

No que diz respeito ao “Planejamento das atividades” essas atividades devem estar de acordo com o projeto de criação do PET, levando em consideração às propostas sugeridas tanto pelo tutor, quanto pelos petianos contemplando ações que obrigatoriamente envolvam ensino, pesquisa e extensão, onde são apontados elementos como justificativa, objetivos, metodologia, bem como os resultados que se espera obter ao realizar cada atividade registrada nesse documento. As ações desenvolvidas do grupo PET durante o ano são planejadas no ano anterior, em função do calendário apresentado pelo Sistema de Informação Gerencial para Programa de Educação Tutorial.

Apesar de ser uma atividade comum a todos os PET, os elementos de construção desse documento podem ter características próprias de construção. E, pensando nessas possíveis individualidades, questionou-se sobre a metodologia adotada para a construção do Planejamento anual do PET Ciências Naturais Bacabal, onde os egressos afirmaram que:

*E.P. 2: havia uma construção conjunta entre bolsistas e tutor durante algumas reuniões. Uma vez pronta era apresentado ao grupo e enviado.*

*E. P. 5: O planejamento do Pet era realizado sempre no início do ano, eu não lembro muito bem, mas acho que era no início do ano, era bem feito, nos juntávamos com o tutor e preparávamos tudo o que ia ser desenvolvido durante o ano todo, projetos, oficinas, seminários, palestras, eventos, etc.*

Em consonância, os petianos efetivos relatam:

*P. 2: Todos os integrantes do PET reuniram-se para discutir quais os projetos que poderiam ser realizados e foi feito um cronograma com as sequências de atividades no decorrer do ano letivo.*

*P. 3: Elaborado através de reuniões que ocorre no final ou início do ano, geralmente é uma semana intensa de reunião para que seja planejado todas as atividades do projeto durante o ano inteiro, com a presença de todos os petianos e nosso tutor.*

*P. 5: Na semana nos reunimos duas vezes ou mais se possível for para criarmos datas junto as atividades que serão realizadas, assim nossas atividades ficam mais organizadas e todo mundo participa.*

*P. 7: Nosso planejamento é sempre desenvolvido em conjunto, normalmente no fim do ano ou no início, temos um período de atividades separadas somente para essas discussões e organização. Os petianos junto ao tutor, dão ideias de atividades, transformaram ou mantém atividades que foram bem realizadas com base nas ações desenvolvidas no ano anterior, definimos as Ações, tempo e modo, sendo uma atividade coletiva desenvolvida pelo grupo.*

*P. 10: Sempre foi realizado em conjunto (tutor e petianos), elaborando projetos e atividades que seriam executadas no ano seguinte.*

Observa-se nas falas que tanto egressos quanto ativos no programa são unânimes em afirmar que o planejamento das atividades do grupo tem construção coletiva, tutor e petianos, como apontam mais especificamente os pesquisados **E. P. 5**, **P. 2**, **P. 7** e **P. 10**. O grupo como um todo participa das tomadas de decisões através de discussões sobre as ações, onde são debatidos cronograma, manutenção ou criação de novos projetos como constatam ainda **P. 2** e **P. 7**.

Portanto, observa-se que há envolvimento dos integrantes desde o planejamento, primeira etapa para a efetivação das tarefas para o desenvolvimento do grupo, apontado pelo

trabalho coletivo empregado no planejamento. Nesse sentido, destaca-se o papel atuante e ativo dos discentes do grupo, conectando-se assim ao entendimento de Balau-Roque (2012, p. 32) quando afirma que “igualmente, os integrantes são atuantes em todas as etapas do Programa, desde a elaboração do Plano de Trabalho (Planejamento), registro de atas, processo seletivo, relatórios anuais, até a criação e atuação nos projetos por eles desenvolvidos”.

Há também na composição de repostas, como já visto, o destaque para o trabalho através do diálogo. Este trabalho coletivo de desenvolvimento através do diálogo “[...] é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado” (FREIRE, 1987, p. 45), e assim, o trabalho em coletivo no PET ocorre de forma ativa com a troca de experiências para que o grupo se desenvolva.

Após o planejamento dessas ações que serão desenvolvidas, o Programa de Educação Tutorial efetiva as ações descritas no planejamento anual. No geral, o PET Ciências Naturais campus Bacabal, organiza seu desenvolvimento das ações, o papel do tutor e dos petianos da seguinte maneira:

Na visão dos egressos:

*E.P. 2: Em sua maioria as atividades eram desenvolvidas em grupos ou mesmo divisões dos integrantes pelo tutor para o desenvolvimento das ações. As atividades de extensão eram desenvolvidas em grupos.*

*E. P. 4: Sempre em equipes, onde cada subgrupo ficava responsável por determinada atividade.*

*E. P. 5: Durante a semana tínhamos uma ou duas reuniões com o tutor, além destas tínhamos também nossos encontros entre equipe para planejarmos e marcamos datas das atividades que tínhamos que desenvolver durante a semana e o mês. Além da reunião que tínhamos toda semana com o tutor, tínhamos também um grupo no WhatsApp em que ele também orientava e cobrava a respeito do desenvolvimento das atividades planejadas.*

Para petianos ativos:

*P. 1: Ora alunos são divididos em grupos e cada um é responsável por uma tarefa.*

*P. 4: Reuniões para planejamento e distribuição de funções para subequipes, pelo tutor ou por nós mesmos.*

*P. 5: O tutor na sua prática sempre estabelecia as atividades e da sua melhor maneira buscava nos auxiliar na prática das tarefas, sempre nos cobrando e nos incentivando a fazer sempre o melhor em qualquer atividade desenvolvida*

*P. 7: A maioria das nossas atividades são desenvolvidas pelo grupo todo, também há aquelas em que são divididas para subgrupos, sendo sempre organizadas em coletivo, e seus resultados vistos e discutidos em grupo. Isso normalmente é definido nas reuniões, e cada*

*atividades possui responsáveis que ajudam a direcionar as ações com os outros petianos, o tutor ajuda na realização no sentido de orientar e corrigir o que é feito nas ações.*

**P. 8:** *Além de reuniões, no grupo de WhatsApp e trabalhos em casas de colegas, com o intuito sempre trabalhar em grupo.*

**P. 10:** *O tutor orienta como as atividades devem ser feitas, cobra e corrige as atividades desenvolvidas, dá ideias, quando nos reunimos temos discussões on-line. Em quantos os petianos executam as atividades propostas no planejamento ou às que surgem no decorrer do ano, assim como o tutor também damos ideias para a execução, corrige, nós reunimos em momentos fora das reuniões, planejamos os roteiros das atividades junto ao tutor, num trabalho sempre coletivo.*

Em relação a esta organização para a efetivação das ações deste grupo PET, não há muito distanciamento da forma como é organizado o planejamento, assim como nas palavras de Martin (2005, p. 60), “todas as atividades do grupo são pensadas em conjunto e é neste sentido que o Manual de Orientações Básicas-PET utiliza a palavra coletivo. O pensar as atividades significa que o grupo faz o planejamento, providencia os meios para a viabilização da atividade, é responsável pela sua execução e desenvolve a avaliação”, o grupo participa coletivamente da organização dessas atividades, mantendo a linha de ação na realização, porém com uma diferença se comparado à forma de planejamento: as ações são compartimentadas.

A criação de subgrupos para a realização das atividades é presente em todas as respostas de egressos e ativos neste PET, enfatizada na resposta de **E. P. 5**, **P. 8** e **P. 10** que destacam a necessidade dos encontros extras e criação de grupos de debate on-line individuais destes subgrupos que tem atribuições diferentes. Define-se também trabalho coletivo entre tutor e petianos, tendo o tutor um papel de orientador, enfatizado mais especificamente nas respostas de egressos **E. P. 4** e **E. P. 5** e dos petiano ativos **P. 4**, **P. 5**, **P. 7** e **P. 10** que atribuem ao tutor funções como designar atividades, fazer cobranças e corrigir, e nesse sentido compreende-se o sentido da educação tutorial sobre a “[...] capacidade de articular os aspectos da mediação do conhecimento, tanto na relação tutor/aluno quanto na relação aluno/aluno, e, sobretudo, dando condições para maior integração e envolvimento dos estudantes na vivência acadêmica” (BORBA, 2017, p. 63), enquanto os discentes realizam as ações.

Mas vale ressaltar, assim como detalha a petiana **P. 7**, que a organização em subgrupos não individualiza o debate e resultados apenas aos grupos específicos de realização, pois os frutos são vistos com todos os integrantes do grupo, ou seja, as ações compartimentalizadas não desfalcam a aprendizagem dos demais, pois os resultados gerados por subgrupos X ou Y tem seus procedimentos de desenvolvimento e resultados discutidos pelo grupo total.

Evidencia-se também que essa modelagem específica de organização deste PET, não é uma estrutura rígida comum do programa em nível nacional, apesar da necessidade explícita do trabalho coletivo, mas é um modo mais orgânico para a atividade tutorial neste grupo, pois não há “[...] sistemas fechados de estruturas e sim adequações em acordo com as necessidades e objetivos perseguidos, sem descaracterizar a ação enquanto proposta tutorial” (BORBA, 2017, p. 66).

O processo de organização e execução de atividades relatadas pelo grupo seguem um padrão de trabalho coletivo e orientado característico da ação tutorial do PET, e “no campo educacional a ação tutorial, quando bem estruturada, pode apresentar melhorias nos processos de ensino-aprendizagem, tanto no desenvolvimento curricular como na orientação dos tutorandos” (ALVES, 2016, p. 77). Porém, esse fato não implica que o processo de desenvolvimento dessas atividades não exista percalços, e nesse sentido, egressos e petianos ativos comentam alguns desafios e dificuldades enfrentadas nas ações:

Na visão dos egressos:

*E.P. 1: Diversas eram as dificuldades, dentre elas posso citar: deslocamento para as escolas e falta empenho dos petianos.*

*E.P. 2: As principais dificuldades se referiam a falta de estrutura e apoio para a realização das mesmas, pois como o campus não havia restaurante e a cidade não tem transporte público a realização de muitas atividades era complicada. Tendo muitos integrantes dificuldades de comparecer nos horários combinados.*

*E. P. 5: Às vezes era transporte, as vezes tinha petianos que não podiam ir, atrasos nas atividades. Na universidade não tínhamos uma sala para podermos reunir então tínhamos que procurar sempre salas vazias para fazer as reuniões porque não tinha uma sala em que pudéssemos reunir sempre nela. Outra coisa era a falta de verba, principalmente para irmos a eventos fora da nossa cidade como MARAPET, ENEPET e ENAPET porque não tínhamos condição de custear nossas passagens. Tínhamos um caixa, o caixa Pet, em que todo petiano mensalmente pagava dez reais, era com esse dinheiro que os petianos iam pra esses eventos, quando o dinheiro não dava pra pagar pra todo mundo fazíamos um sorteio e aqueles sorteados iam pra viagem custeada com o dinheiro do caixa Pet.*

Os Petianos ativos afirmam:

*P. 3: Cada atividade é um desafio no programa, pois sempre estamos trabalhando com novas atividades, assuntos diferentes, até por ser um PET interdisciplinar. Dificuldades temos muitas, desde a sala que*

*não temos para fazer nossas reuniões até o transporte para levar nós até as atividades estabelecidas no programa.*

*P. 5: Os desafios não são muitos quando todos se esforçam para cumprir, porém alguns que não tem moto para se direcionar até a universidade para as reuniões, a universidade é distante do restante da cidade e o transporte é caro, ou até mesmo quando não se tem acesso à internet, um dos maiores desafios na minha concepção sempre foi a questão de não termos uma sala específica do próprio Pet na universidade, isso as vezes se tornava chato, porque não tínhamos lugar certo para nos reunir, e também até deixamos de fazer reuniões algumas vezes pelo fato de todas as salas estarem ocupadas.*

*P. 7: Acho que um dos maiores desafios que temos é a falta de recursos para desenvolver as atividades, as vezes precisamos comprar materiais ou desenvolver atividades distantes do campus, participar dos eventos do programa, mas ficamos impossibilitados muitas vezes por isso, o custeio nem sempre pode ser utilizado ou chega a tempo da realização da maior parte das atividades. Outro desafio dentro do grupo é a próprio relação de coletivismo, pois apesar de nós entendermos nas atividades, as vezes acho que uns trabalham mais que outros.*

*P. 10: Inúmeras. Falta de uma sala destinada ao projeto, apoio financeiro para algumas atividades etc.*

Em um comparativo entre egressos e petianos ativos do PET Ciências Naturais Campus Bacabal, as opiniões convergem na associação de complicações basicamente a três eixos principais, formando o conjunto mais comum de desafios no processo de realização de atividades, são eles: dificuldades de transporte, dificuldades estruturais e dificuldades financeiras. Percalços de longo prazo, dado que são problemas comuns percebidos por egressos e petianos ativos.

As dificuldades sobre transporte, de acordo com as respostas de petianos egressos e petianos ativos, primeiramente pode ser observada no deslocamento até a universidade, já que a cidade não conta com transporte coletivo e como a universidade é a afastada das partes mais habitadas do município, o custo do transporte particular se torna elevado, além do deslocamento para as atividades fora do campus, tornam-se um problema constante de acordo com o que foi relatado, o que também é condicionado por problemas financeiros.

Quanto aos problemas financeiros que dificultam a realização de ações e atividades do grupo, como apontado pelos pesquisados, se relacionam com uma falha do governo na liberação da verba denominada custeio, que serve para cobrir gastos em atividades. Esta verba deveria chegar duas vezes por ano, mas o governo não cumpre seu papel no repasse, e desse modo, por muitas vezes a liberação só ocorre uma vez ao ano e quando as atividades já foram completadas. Além disso, há certa limitação do uso desse dinheiro, impossibilitando sua utilização em determinadas atividades.

As dificuldades apontadas relativas a estrutura, refere-se de modo geral, a falta de salas disponíveis para a realização de reuniões e atividades no campus em que esse PET está inserido, a universidade não cumpre com sua parcela de apoio referente à estrutura que o PET necessita para desenvolver suas atividades. A UFMA passa por problemas estruturais, dificuldades em se ter salas para as próprias aulas que o currículo propõe, sendo um problema encontrar salas disponíveis, já que o grupo não conta com sala própria que se destina a tais atividades.

### **3. 2. 3 O PET Ciências Naturais e o Ensino, Pesquisa e Extensão**

Como visto nos capítulos anteriores, o Programa de Educação Tutorial possui uma relação estreita com o princípio acadêmico que as universidades brasileiras possuem, a tríade ensino-pesquisa-extensão. Portanto, o PET é um instrumento importante para a efetivação e fortalecimento dessa tríade, em sua característica indissociável na formação dos discentes, juntamente à elevação da qualidade acadêmica, pois “[...] ao desenvolver projetos integrando ensino, pesquisa e extensão o estudante tem a oportunidade de ampliar seus conhecimentos, transferindo-os a outras pessoas e agindo além do seu curso, faculdade ou universidade” (BALAU-ROQUE, 2012, p. 33).

Levando-se em consideração a importância da existência de formulações de atividades que possuam especificamente a pesquisa, ensino e extensão indissociavelmente, questionou-se aos alunos sobre a efetivação da tríade acadêmica e a forma como é efetivada:

Quanto à essa questão, os egressos relatam:

*E.P. 2: Em alguns momentos isso acontecia. Mas em sua maioria não acontecia a efetivação dessa tríade. Poucos trabalhos desenvolvidos conseguiram ter esse carácter. na maior parte são ações isoladas ou mesmo que englobem dois elementos. Por exemplo, um projeto sobre intolerância religiosa desenvolvido pelo grupo de humanas conseguiu ter essa tríade, pois desenvolvíamos ensino e extensão e ainda*

*realizávamos pesquisas tanto no âmbito da extensão como na UFMA sobre o tema.*

*E. P. 3: Tínhamos projetos que nos levava para escola e abordamos temas da atualidade, desse projeto tinha a parte de pesquisa e também a extensão era geralmente na universidade.*

*E. P. 5: Sim. No Pet, nós elaborávamos projetos juntos com o nosso tutor, esses projetos eram aplicados nas escolas e desenvolvíamos algumas ações dentro da universidade como debates, oficinas e seminários.*

Na análise das opiniões emitidas por egressos do programa, conclui-se que existia a efetivação de atividades da tríade através de ações variadas que se efetivavam desde projetos elaborados para escolas à seminários e oficina no âmbito da universidade. Neste grupo de respostas, o que chama atenção se refere a pontuação que o egresso **E. P. 2** enfatiza: a predominância de atividades somente com um ou dois elementos da tríade, e da egressa **E. P. 5**, que afirma a existência da tríade nas ações desenvolvidas, havendo assim divergência nas opiniões.

Porém, sobre a realização de atividades somente com um ou dois eixos do ensino, pesquisa e extensão entende-se aqui que esta predominância de atividades ligadas somente a um ou dois seguimentos do princípio acadêmico é sempre uma questão complexa. Sabe-se que nos vários grupos PET, algumas atividades podem contemplar apenas Pesquisa e Ensino, outras Extensão e Ensino, por exemplo, e em poucas atividades se consegue a tríade realmente. Isso por ainda ter-se dificuldade em executar a tríade. Assim é natural que uma ou outra se sobressaia. Porém, esse fato não é o bastante para descaracterizar o programa, sendo uma questão ínfima, pois mesmo que haja desequilíbrio busca-se trabalhar a tríade, apesar de não exatamente as três (Ensino-Pesquisa-extensão) ao mesmo tempo.

Já os petianos ativos no programa comentam que:

*P. 3: Sim. O tutor junto com os petianos sempre trabalhou com a tríade, nas atividades sempre foram obrigatórias trabalhar isso com elas. Cada uma em sua especificidade.*

*P. 5: Sim, nós buscamos desenvolver essa tríade, temos apresentações de seminários entre os petianos, levamos o conhecimento para a comunidade por meio de atividades e sempre estamos desenvolvendo pesquisas dos mais variados assuntos e distribuindo pela universidade em forma de Informativo que é uma das nossas principais atividades do projeto, pois tem enfoque de pesquisa científica, estendemos o Pet*

*vai as escolas, realizamos oficinas nas escolas também, o nosso Pet é bem movimentado.*

**P. 6:** *A tríade se desenvolvia muito bem dentro do nosso grupo PET, as formas que as atividades eram desenvolvidas não só na UFMA, como ensino, mas também como extensão onde realizávamos atividades nas escolas de Bacabal.*

**P. 7:** *Sim. Nós sempre buscamos desenvolver atividades que envolvam estes três pilares da universidade, como o desenvolvimento de projeto de leitura, um projeto grande e estruturado para abranger a tríade, entre outras atividades que as vezes envolvem somente ensino e extensão ou ensino e pesquisa, pesquisa e extensão e daí por diante. Sempre deixando claro no planejamento estas atividades, já que é uma preceito do programa.*

Dentro do conjunto de respostas fornecidas pelo grupo de petianos ativos do PET Ciências Naturais, enfatizam em geral a presença do ensino, pesquisa e extensão nas ações desenvolvidas pelo grupo, não há nenhuma especificação nas respostas obtidas sobre o desmembramento de atividades em um ou dois eixos da tríade ensino pesquisa e extensão. Mas, a integrante **P. 7** também relata a presença de ações isoladas com a presença de somente um ou dois pilares da tríade acadêmica. Desse modo, pode-se concluir que dentro deste grupo existe atividades pontuais e atividades que englobam os três eixos da tríade, sendo, como já dito, questão de discussão complexa.

A partir da expectativa de confirmação da consolidação dessas atividades com o ensino, pesquisa e extensão presentes, buscou-se compreender as perspectivas dos integrantes desta pesquisa sobre a importância da presença da indissociabilidade da tríade acadêmica na construção das atividades do PET em questão. É sabido que a presença desse elemento é essencial dentro do programa, sendo uma das características centrais para o seu funcionamento, visto que “[...] o PET é um Programa de grande importância e impacto no desenvolvimento dos estudantes, na Universidade e na sociedade” (BALAU-ROQUE, 2012, p. 102).

Neste sentido, os pesquisados foram indagados sobre a importância da relação entre o ensino, a pesquisa e a extensão, na especificidade dos trabalhos desenvolvidos pelo grupo PET Ciências Naturais campus Bacabal. Na opinião dos egressos:

**E.P. 1:** *Se colocada em prática, é de fundamental importância pois a filosofia de funcionamento do PET tem condições de fortalecer a tríade.*

**E.P. 2:** *Na verdade um trabalho que consiga ter esses três elementos terá um grande potencial para se ter conhecimento. São elementos importantes para o bom aprendizado do bolsista.*

**E. P. 3:** *Existe uma forma de aprender na prática e produzindo ao mesmo tempo o conhecimento científico. O conhecimento científico é efetivado de forma mais precisa, sem contar que o PET era o único projeto da universidade federal do Maranhão campus Bacabal que contava com a tríade.*

**E. P. 4:** *Um enriquecimento para nossa vida na academia.*

**E. P. 5:** *A importância, para mim era a aprendizagem porque além de aprendermos dentro do Pet também levávamos esses conhecimentos a outros. Assim, através da tríade petiano, universidade e comunidade se beneficiavam dos conhecimentos produzidos dentro do Pet Ciências Naturais do Campus de Bacabal. O Pet tem uma importância essencial tanto pra vida dos petianos como para todos aqueles que são alcançados através das atividades produzidas e desenvolvidas pelo projeto, não é apenas os petianos os beneficiados, mas todo um conjunto como a própria universidade, professores e alunos das escolas em que o Pet chega a desenvolver suas atividades e projetos. Além da bolsa que ajuda os petianos nas suas necessidades básicas.*

Na visão dos petianos efetivos:

**P. 2:** *Grande pois na formação geral dentro da licenciatura essa tríade pode ser esquecida, então além da importância social há também a importância do ponto de vista acadêmico.*

**P. 6:** *De suma importância, não basta apenas conhecer a realidade que vivemos que é a faculdade, precisamos estender isso, nas escolas e em projetos voltados para fora da nossa realidade academia. Para mim, e um dos poucos projetos que abrange as três traíres por isso o grupo é muito importante para a faculdade.*

**P. 7:** *Tem total importância, pois além de ser uma necessidade e obrigatoriedade do programa desenvolvê-las, ampliando nosso conhecimentos e desenvolvimento acadêmico e profissional, nos permite ter acesso a atividades diversificadas, o contato maior com a comunidade acadêmica e a comunidade em geral, enriquecendo a formação da graduação, a social e a pessoal também.*

**P. 10:** *Se torna importante na formação do acadêmico pelo fato de possibilitar a relação entre teoria e prática. O ensino possibilita o desenvolvido do aluno enquanto docente, a pesquisa ajuda o aluno a enriquecer seus conhecimentos e a extensão possibilita que o acadêmico se integre na sociedade, ela agrega aprendizados acadêmicos e sociais. Por fim, é extremamente importante para uma formação de qualidade se efetive no âmbito acadêmico*

Entre as repostas entregues pelos egressos do grupo e ativos, pode-se perceber a similaridade das opiniões que convergem sobre a importância proporcionada pela necessidade da tríade nas atividades, na aproximação entre comunidade e universidade, numa troca de experiências. Os pesquisados inferem a importância da tríade principalmente pela relação de ultrapassar as barreiras da universidade, levando conhecimento para além de seus limites. Além dessa visão geral, destaca-se ainda na fala dos egressos **E. P. 2**, **E.P 3**, **E. P. 5** e petianos ativos **P. 6**, **P. 7** e **P. 10**, atribuindo a importância por seu caráter diversificador e ampliador na aprendizagem, na aproximação entre o conhecimento obtido e a prática, na aproximação com a comunidade e sua realidade e na melhoria da aprendizagem.

O Programa de Educação tutorial tem como propósito primordial proporcionar a formação profissional do aluno atrelado a função social que a universidade possui. E, ainda nessa perspectiva, tem-se a perspectiva de Alves (2016, p. 139):

As atividades de extensão que são realizadas no PET, os estudos em grupo e os projetos coletivos desenvolvem a percepção crítico-social e ética dos alunos e dos tutores sobre o papel do conhecimento na sociedade, a função social da universidade e a atuação desses futuros profissionais na sociedade.

Ora, o que se pode entender é que o valor atribuído a tríade se condiciona a ampliação de conhecimento na conectividade com a comunidade, principalmente pela presença da extensão como elemento que proporciona a proximidade com a comunidade em que o grupo bem como a universidade estão inseridos. E, neste sentido, “este programa é uma pequena amostra do que se diz por função social da universidade que perpassa pela indissociabilidade da tríade: ensino, pesquisa e extensão, muito embora em alguns momentos haja predominância de um dos eixos” (ALVES, 2016, p. 220).

### **3. 2. 4 Contribuições formativas e experiências adquiridas**

O PET provoca a melhoria em vários aspectos como no âmbito pessoal, profissional e social onde está inserido, inclusive no desempenho dos cursos em que os integrantes são ligados, “proporcionando a complementação da formação acadêmica e, conseqüentemente, a melhoria da graduação” (ALVES, 2016, p. 108), sendo um dos objetivos gerais do programa. Nesse sentido, destaca-se a tutoria desenvolvida pelo Programa de Educação tutorial como

[...] uma atividade pedagógica, que difere das outras atividades docentes, que promove a formação integral do aluno, destacando os aspectos pessoal, afetivo, profissional e acadêmico, desenvolvendo o seu potencial cognitivo, de análise crítico-social e principalmente sua autonomia. É uma ação mediada e compartilhada, que não

havendo espaço para a imposição, mas que as decisões são tomadas no coletivo”.  
(ALVES, 2016, p. 136)

Enquanto programa que presa pelo dinamismo em seu desenvolvimento, pode-se inferir que as experiências obtidas nos grupos PET tem resultados imediatos, mas seu alcance maior se dá a médio e longo prazo. E este êxito é alcançado pela especificidade que o PET possui, já que dentro do programa o aluno é sujeito ativo no desenvolvimento e construção do seu conhecimento, e isso é desenvolvido desde a entrada no programa, trazendo benefícios imediatos, pela troca de experiências e conhecimentos os integrantes expandem essa geração para o ambiente acadêmico e para a comunidade em que se insere, provocando resultados a médio prazo, além da possibilidade de se tornar um profissional mais crítico e reflexivo, portanto ético e integrado, e desse modo, tendo efeitos a longo prazo (BALAU-ROQUE, 2012).

Levando-se em conta este aspecto, os pesquisados foram questionados sobre as contribuições adquiridas e experiências pela participação do grupo PET Ciências Naturais Bacabal, para a formação em nível acadêmico e profissional.

Para egressos:

*E.P. 2: O programa proporcionou o meu desenvolvimento em vários elementos, pois permitiu trabalhar minha escrita, bem como, lidar com situações em extensão que foram muito enriquecedoras para minha formação acadêmica e profissional. as discussões internas foram de grande importância na minha formação, me fez amadurecer bastante. graças ao programa e ao tutor conseguir escrever vários trabalhos e isso me permitiu conhecer um horizonte bem mais amplo que eu poderia ter acesso caso não tivesse no programa.*

*E. P. 3: Acredito que meus conhecimentos aumentaram em 100% e não apenas profissionalmente, mas também espiritualmente. Foi uma experiência sem igual, conheci muitas coisas novas e aprendi muita coisa que levarei para toda minha vida.*

*E. P. 4: Me desenvolvi muito, nas palestras que ministrava nas escolas, perdi o medo de falar em público e me tornei mais ativa!*

*E. P. 5: O PET me proporcionou conhecimento, tanto acadêmico como para a minha profissão. Aprender a elaborar atividades, criar projetos e aplicar projetos foi essencial para minha futura gestão em sala de aula e no desenvolvimento de meu trabalho como professora.*

Petianos Ativos:

*P. 1: Mostrou-me que há um mundo a ser estudado.*

*P. 2: Ajuda bastante com o meu aperfeiçoamento individual ao escrever utilizando uma linguagem mais formal e científica, melhora as relações ao desenvolver diversos projetos. Melhorei nas relações interpessoais.*

*P. 3: O meu desenvolvimento de trabalho em grupo, tinha uma certa dificuldade antes, porém agora me relaciono bem e tenho mais facilidade com isso*

*P. 5: Contribuições significativas de mais maturidade e segurança nas realizações das atividades, creio que meu desenvolvimento como acadêmica e como profissional melhorou bastante e isso somará na minha caminhada futura. Eu destacaria a importância de se trabalhar em grupo, o que não é uma tarefa fácil, porém possível e significativa, isso para mim foi uma experiência singular pois o Pet é um programa interdisciplinar, então a gente aprende a lidar com outras áreas e isso é legal.*

*P. 7: Acho que saber trabalhar melhor o coletivo, o que é importante tanto na formação acadêmica quanto na formação profissional. E contribuí também com as atividades diversificadas, melhoria da escrita, criação de projetos, desenvolvimento de ações, comunicação, me fazendo ter acesso a várias experiências que com certeza que auxiliarão futuramente. Eu destacaria a experiência adquirida através das atividades diversificadas, aprendi a criar e desenvolver projetos e a lidar com melhor com o coletivo, a escrever melhor e a entender o sentido da tríade acadêmica dentro da universidade.*

*P. 9: Através do PET estou aprendendo mais sobre como desenvolver projetos, melhorando a minha relação com relação ao embate e aceitação de ideias distintas das minhas. O PET, torna-se importante porque está acrescentando de forma positiva na construção do meu conhecimento acerca de vários conteúdos, que me serão necessárias futuramente. E melhorando minha relação com as pessoas de modo geral.*

*P. 8: O exercício de trabalho em conjunto, e a compreensão de que tudo no coletivo sai melhor.*

*P. 10: Meu crescimento no que se refere à minha maneira de escrever, a segurança em estar em sala de aula etc.*

Egressos e petianos ativos no programa confluem para uma similaridade na melhoria que atribuem à sua participação a este grupo PET. Egressos e petianos ativos entendem que a atuação dentro deste grupo trouxe benefícios, que de modo geral, são atrelados a melhoria da escrita, comunicação, trabalho coletivo e suas relações interpessoais, ampliação do conhecimento através do contato de atividades diversificadas, aprendizagem em elaboração e gerenciamento de projetos, e a obtenção de segurança no desempenho dessas funções que, de acordo com eles, são benefícios que atendem suas necessidades acadêmicas e profissionais.

Diante dessas afirmações, pode-se inferir principalmente o aspecto positivo do impacto dessas atribuições para o fortalecimento da graduação em que estão inseridos, tendo sua

importância elevada na formação mais abrangente e completa, e isto só é possível por ser um programa que tem em sua constituição o desenvolvimento de atividades que prezam pela efetivação da tríade ensino, pesquisa e extensão (ALVES, 2016).

### 3. 2. 5 O grupo PET e a comunidade em que está inserida

A Universidade pública, em razão de ser, deve relacionar-se com as questões que envolvem a sociedade, e por esse motivo a noção do princípio ensino, pesquisa e extensão torna-se primordial. Considerando o modelo do PET que é permeado por este princípio, onde sobressai-se o desenvolvimento de ações participativas, a construção do conhecimento dos que participam do grupo se potencializa na troca de experiências entre os seus integrantes e comunidade, essa relação pode ser estabelecida com maior dinamismo.

Souza (2018, p. 70) explica que “[...] a aproximação da universidade à comunidade se configura numa prerrogativa onde se constrói e se vivencia as relações mútuas, perfazendo desta forma, um construto de transformação do pensamento e compreensão das problemáticas circundantes nos vários contextos socioculturais”. À vista disso, os participantes desta pesquisa expressaram suas opiniões sobre a necessidade e importância do grupo PET para a comunidade em que estão inseridos.

Para os egressos:

*E.P. 2: o PET tem relevância por buscar o desenvolvimento de ações que contribuam de alguma forma com a vida em sociedade. E logo, na UFMA vai potencializar o que a universidade se propõe com a disseminação de conhecimento por meio de bolsistas.*

*E. P. 3: Como já mencionei, é o único projeto que abrange a tríade ensino, pesquisa e extensão, é totalmente diferente dos demais projetos. Só tem a ganhar quem participa do projeto.*

*E. P. 5: É grande a importância do Pet para todos aqueles que são alcançados através das atividades produzidas e desenvolvidas pelo projeto principalmente a universidade, professores e alunos das escolas em que o Pet chega a desenvolver suas atividades e projetos.*

Na visão dos integrantes ativos:

*P. 5: O Pet torna-se importante para a comunidade como oportunidade de conhecer e até participar de nossos projetos e atividades, pois o Pet oferece isso, sendo assim a comunidade teria acesso também aos mais variados tipos de conhecimentos agregando valores e contribuindo para o desenvolvimento de todos.*

*P. 7: O Pet Ciências Naturais do nosso campus, tem fundamental importância, pois desenvolve atividades que são fundamentais para tríades acadêmica, permite ampliar conhecimentos e difundi-los com a comunidade acadêmica e em geral, tentando através de nossas atividades melhorar nossa qualidade formativa e nos aproximar e disseminar esse conhecimento adquirido.*

*P. 8: Trazer um projeto como o pet para Bacabal é de suma importância e privilégio, a comunidade bacabalense só tem a ganhar com a chegada do PET. O PET é um programa que tem como objetivo maior trabalhar com pessoas, e ter contado com culturas.*

*P. 9: Imprescindível, o Pet é um programa que não fica restrito a comunidade acadêmica, nós sempre estamos indo além dos muros da universidade, ou seja, acrescentando e ajudando a comunidade do entorno. Isso é a melhor parte do programa, usar os nossos conhecimentos para ajudar e acrescentar algo na vida de outras pessoas, que muitas das vezes não tiveram a oportunidade [...].*

Egressos e petianos ativos inferem comumente que a importância do grupo PET Ciências Naturais se estabelece pela troca de conhecimento no contato com a comunidade em que está inserido. Nas respostas, ambos inferem que esse contato com a universidade é o momento de partilha do conhecimento produzido na academia efetivamente para a comunidade em geral, com a oportunidade de se ter variadas experiências socioculturais, além de proporcionar certa melhoria para a comunidade abrangida.

As atividades desenvolvidas pelo grupo PET aproximam universidade e comunidade, permitindo a vivência da realidade que envolve a universidade, além de propiciar “[...] compreensão das características e dinâmicas individuais e percepção da responsabilidade coletiva e do compromisso social. Esses aspectos não ficam restritos aos participantes do programa, disseminando-se aos demais alunos e ampliando a perspectiva educacional da comunidade” (BALAU-ROQUE, 2012, p. 28-29).

Entretanto, apesar da possibilidade de aproximação com a comunidade e a relação com a possibilidade de melhoria do ensino superior, entende-se aqui, assim como Alves (2016, p. 224), que não se deve

[...] olhar para ele como uma panaceia, e atribuir-lhe a pesada responsabilidade que cabe à Universidade como um todo, seria injusto exigir tamanha cobrança, pois nem a própria Instituição de Ensino Superior consegue realizá-la, porque dentro dela se reproduzem todas as contradições sociais da sociedade capitalista neoliberal em que vivemos. No fundo, sabemos que o PET e outros programas são uma forma de encobrir falhas e problemas que a nossa Educação Superior apresenta.

Contudo, não se tem a intenção aqui em diminuir as ações que o PET Ciências Naturais Campus Bacabal, contabilizando quase 10 anos de ações dentro da UFMA, bem como os demais grupos que participam do programa, na relação necessária junto à tríade ensino, pesquisa e extensão. Tem-se a consciência que, de modo geral, o Programa de Educação Tutorial possui historicidade em ações fecundas para a universidade e comunidade na promoção, provocando diversas melhorias em diferentes aspectos seja no campo pessoal, acadêmico, profissional e/ou social, como apontadas neste trabalho.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tríade ensino, pesquisa e extensão tem em sua premissa ampliar a qualificação dos estudantes, levando-se em conta a realidade social em que a universidade se insere. Por conseguinte, torna a formação dos discentes mais cidadã, onde se destacam o caráter inovador e diversificado da formação, a partir de um senso mais crítico e ligado ao lado social que a prática acadêmica nessa visão deve possuir. Como já visto, não tem uma efetivação fácil diante de seu caráter indissociável, seja por aspectos infraestruturais, financeiros, excesso de funções para os docentes, entre outros tantos aspectos que podem interferir.

O PET, nesse contexto referido, é uma política educacional que visa diminuir essa lacuna causada pela ausência da efetivação da tríade nas IES através de seus grupos, sendo um caminho para o fortalecimento da formação global e integradora através de ações que envolvam este princípio, com resultados principalmente a médio e longo prazo.

Reiterada essas concepções, pode-se inferir que IES que possuem Programas de Educação Tutorial tem elemento essencial para garantir uma formação mais completa dentro das diretrizes que a universidade possui, melhorando os cursos de graduações que são envolvidos neste processo através dos alunos participantes. Além disso, seus benefícios se estendem para a universidade como um todo e para a comunidade, pela troca de conhecimentos acadêmicos e saberes populares, além de em certa medida buscar viabilizar uma transformação social. Assim, a Universidade Federal do Maranhão Campus III/Bacabal, tem em sua composição um componente fundamental na proposta de elevação da qualidade acadêmica, o grupo PET Ciências Naturais.

Apontou-se, a partir da pesquisa documental sobre a criação e características constitutivas deste grupo, o destaque do papel do PET Ciências Naturais sobre sua atuação por meio de problematizações da realidade, abrangendo a comunidade em que está inserido e a sociedade contemporânea. Sua criação também está atrelada a necessidade que se tinha de diminuir o fluxo de evasão das graduações de Ciências Humanas e Naturais, além de se almejar a melhoria da formação dos futuros profissionais e consequentemente a melhoria do serviço oferecido por eles.

Evidenciou-se que houve dentro deste grupo significativa melhora nas relações interpessoais entre os petianos, quando se compara as percepções dos petianos ativos em relação a percepção dos egressos. Essa mudança de percepção, é muito positiva pois traz benefícios para o desenvolvimento e fortalecimento do trabalho coletivo deste grupo e dos

padrões que se espera do grupo PET. Quanto a relação entre tutor e discentes petianos manteve-se certa linearidade, definida em uma relação cordial para ambos: petianos ativos e egressos.

Sobre planejamento, desenvolvimento e dificuldades, tem-se o apontamento do trabalho coletivo e dialógico como elemento primordial do desenvolvimento deste grupo, bem como a proatividade dentro deste grupo modelando as ações que são desenvolvidas. Nesse sentido, destaca-se que petianos discente e tutor são sujeitos atuantes do programa porque agem ativamente no grupo, mesmo com limitações e desafios de transporte, infraestrutura e financiamento, que compõem as deficiências identificadas pelos pesquisados.

Na relação com o ensino, pesquisa e extensão o resultado dessa pesquisa aponta a existência de ações com a indissociabilidade da tríade e ações isoladas, mas entende-se que esse assunto envolve complexidade, e torna-se quase impossível a realização de todas as ações contempladas dos três elementos ensino, pesquisa e extensão e, portanto, algumas atividades apresentam apenas um ou dois seguimentos da tríade.

Quanto as contribuições formativas e experiências adquiridas, constatou-se a articulação entre o trabalho desenvolvido pelo grupo PET e a ampliação do caráter formativo da UFMA/Campus Bacabal, tanto para egressos quanto para os petianos ativos. Os elementos citados como melhoria formativas tem os mais variados aspectos pessoais, acadêmicos e profissionais como melhoria da fala e escrita, o ganho de segurança, melhoria das relações interpessoais, e ainda o contato diversificado de conhecimentos, resultados da experiência que este grupo proporciona.

Quanto a relação do grupo PET e a comunidade, tem-se como resultados que este grupo compreende a importância da presença do PET na difusão dos conhecimentos para além das portas da universidade. Nesse sentido, observou-se que a relação entre o grupo PET e a comunidade se dá por meio das trocas de conhecimento e da vivência por meio das atividades desenvolvidas junto da comunidade, tendo importância essencial nesse processo.

Em síntese, conclui-se que a dinâmica que envolve as características do grupo PET Ciências Naturais campus Bacabal, são essenciais à formação dos discentes da Universidade Federal do Maranhão, seja pelo caráter formativo amplo, seja pela aproximação efetiva do trabalho desenvolvido com a comunidade apontado pelos participantes. Portanto, o PET enquanto fortalecedor da formação na universidade tem sua finalidade alcançada, apesar dos desafios presentes para sua concretização.

Não se pretendeu aqui de maneira nenhuma esgotar a temática, tem-se consciência de que o presente trabalho tenha limitações. Contudo, entende-se que as observações aqui destacadas servem como ponto de partida para novos estudos em que novas perspectivas sejam

pensadas. O grupo PET Ciências Naturais, em 10 anos de história, tem muitos elementos ainda a serem discutidos, para que se conheça cada vez mais e se reflita sobre Papel que PET representa dentro da universidade.

## REFERÊNCIAS

- ANDES-SN. Proposta das AD's e da ANDES para a Universidade Brasileira. **Cadernos da ANDES**, Florianópolis, n. 2, 2013.
- ALVES, Francione Charapa. **Ação tutorial na educação superior em dois programas: P ET/Brasil e PTM23/Portugal**. 2016. 463 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Departamento Teoria e Prática do Ensino, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21841/1/2016\\_tese\\_fcalves.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21841/1/2016_tese_fcalves.pdf)>. Acesso em: 01 set. 2019.
- BALAU-ROQUE, Marina Mercante. **A experiência no Programa de Educação Tutorial (PET) e a formação do estudante do Ensino Superior**. 2012. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Comissão de Pós- Graduação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/250955/1/Balau-Roque\\_MarinaMercante\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/250955/1/Balau-Roque_MarinaMercante_M.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2019.
- BORBA, Flávia Paloma Cabral. **Políticas da educação superior e o enraizamento local: o Programa de Educação Tutorial na Universidade Federal da Paraíba**. 2017. 129 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Políticas Públicas Gestão e Avaliação da Educação Superior, Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/9328/2/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2019.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição Federal**. 3. ed. Indaiatuba, SP: Foco, 2019. 296 p.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Apresentação - PET**. 2020. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pet>>. Acesso em: 19 mar. 2020.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. **Programa Especial de Treinamento - PET: manual**. Brasília. 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/pet01.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2019.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **SIGPET: Sistema de Gestão do Programa de Educação Tutorial**. Disponível em: <http://sigpet.mec.gov.br/primeiro-acesso>>. Acesso em: 19 mar. 2020.
- \_\_\_\_\_. Lei nº 4.881-A, de 06 de dezembro de 1965. **Dispõe Sobre O Estatuto do Magistério Superior**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/1950-1969/L4881A.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1950-1969/L4881A.htm)>. Acesso em: 19 jan. 2020.
- \_\_\_\_\_. Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931. **Estatuto da Universidade Brasileira**. Brasília, Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1930-1949/D19851.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D19851.htm)>. Acesso em: 30 jan. 2020.
- \_\_\_\_\_. Decreto-lei nº 53, de 18 de novembro de 1966. **Fixa Princípios e Normas de Organização Para As Universidades Federais e Dá Outras Providências**. Brasília, Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1965-1988/Del0053.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del0053.htm)>. Acesso em: 25 jan. 2020.
- \_\_\_\_\_. MEC/SESU. **Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão e a flexibilização curricular: uma visão da extensão**. Porto Alegre: UFRGS, 2006. 100 p.
- \_\_\_\_\_. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- \_\_\_\_\_. Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968. Brasília, Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 01 jan. 2020.

\_\_\_\_\_. **Portaria Mec Nº 976, de 27 de Julho de 2010.** Brasília, Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=6647-portaria-mec-976-27-07-2010&category\\_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6647-portaria-mec-976-27-07-2010&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 15 jul. 2020.

CÉSAR, S. B. **A Indissociabilidade Ensino, Pesquisa, Extensão e a Gestão do Conhecimento: Estudo em universidade brasileira.** 2013. Projeto de Pesquisa (Mestrado em Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento) – Universidade Fumec, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. **Manual de Orientações Básicas – Programa de Educação Tutorial.** Brasília, 2006. Disponível em [http://portal.mec.gov.br/component/docman/?task=doc\\_download&gid=338&Itemid=](http://portal.mec.gov.br/component/docman/?task=doc_download&gid=338&Itemid=) >. Acesso em 20 set. 2019.

\_\_\_\_\_. Lei nº 11.180, de 2005. Brasília. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Lei/L11180.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11180.htm)>. Acesso em: 23 set. 2019.

CÉSAR, S. B. **A Indissociabilidade Ensino, Pesquisa, Extensão e a Gestão do Conhecimento: Estudo em universidade brasileira.** 2013. 44 f. Projeto de Pesquisa (Mestrado em Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento) – Universidade Fumec, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2013.

CARVALHO, Cecília Resende et al. O programa de educação tutorial (pet) no contexto da crise econômica brasileira. **Extensão em Foco**, v. 1, n. 15, p.28-45, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/extensao/article/download/52730/pdf> . Acesso em: 18 set. 2019.

FERREIRA, Suelene Lopes et al. Reflexões sobre ensino, pesquisa e extensão universitária. In: III CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONEDU), 2016, Natal. **Anais...** Campina Grande: Realize, 2016. v. 1, p. 1 - 8. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO\\_EV056\\_MD1\\_SA6\\_ID6765\\_19082016133705.pdf](https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA6_ID6765_19082016133705.pdf)>. Acesso em: 18 dez. 2019.

FILADELFI, Ana Maria Caliman et al. A indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão. **Revista Extensão & Cidadania**, [s.l.], v. 5, n. 9, p.36-49, 30 dez. 2018. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/recuesb/article/view/4598/3608>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

FONTANA, Felipe. Técnicas de Pesquisa. In: MAZUCATO, Thiago (Org.). **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico.** Penápolis: Funepe, 2018. p. 59-78.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 107 p.

GADOTTI, Moacir. **Extensão Universitária: Para quê?** 2017. Disponível em: [https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o\\_Universit%C3%A1ria\\_-\\_Moacir\\_Gadotti\\_fevereiro\\_2017.pdf](https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf)>. Acesso em: 25 jan. 2020.

GONÇALVES, Nádia Gaiofatto. Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão: um princípio necessário. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 33, n. 3, p.1229-1256, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2015v33n3p1229>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

LASAGNO, Arthur et al. EDUCAÇÃO TUTORIAL NO ENSINO DE GRADUAÇÃO: um relato das experiências do Grupo PET Educação Física/UFSC. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 22, p.195-206, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/download/1197/11004>>. Acesso em: 20 set. 2019.

MACIEL, Alderlândia da Silva. **A Universidade e o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão: utopia ou realidade.** Rio Branco: Edufac, 2017. 180 p.

MACIEL, Alderlândia da Silva. **O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão: um balanço do período 1988 – 2008.** 2010. 195 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIMEP, Universidade Metodista de Piracicaba,

- Piracicaba, 2010. Disponível em: <<https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/2006/JCDYEEPBFDDYY.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2019.
- MARTINS, Iguatemy Lucena. **Educação tutorial no ensino presencial – Uma análise sobre o PET**. 2010. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/PET/pet\\_texto\\_iv.pdf](http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/PET/pet_texto_iv.pdf)>. Acesso em: 01 set. 2019.
- MARTIN, Maria da Graça Moraes Braga. **O Programa De Educação Tutorial-PET: Formação Ampla Na Graduação**. 2005. 108 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós Graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/2992/Disserta%20c3%a7%20c3%a3oCompleta.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 set. 2020.
- MAZZILLI, Sueli. Ensino, pesquisa e extensão: reconfiguração da universidade brasileira em tempos de redemocratização do Estado. **Rbpae**, v. 27, n. 2, p.205-221, 2011. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/rbpae/article/download/24770/14361>>. Acesso em: 10 out. 2019.
- MEC. SESu/SECAD. Convocação em segunda chamada para efetuar registro na plataforma do Sistema de Informações Gerenciais do Programa de Educação Tutorial. SESu/SECAD. 2010. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=7136-convocacao-segunda-chamada-lista-complementar-301110&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7136-convocacao-segunda-chamada-lista-complementar-301110&Itemid=30192)>. Acesso em: 13 abr. 2020.
- MEC. Edital No 09 de convocação das Instituições de Ensino Superior para apresentação de propostas de criação de novos grupos no âmbito do Programa de Educação Tutorial. SESu/SECAD. 2010. Disponível em: <[http://sigproj1.mec.gov.br/edital\\_blank.php?id=322](http://sigproj1.mec.gov.br/edital_blank.php?id=322)>. Acesso em: 14 abr. 2020.
- MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro; ANDRADE, Fernando César Bezerra de. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 41, p.269-280, 2009.
- NASCIMENTO, Thalyta Vasconcelos do; FERREIRA, Tássia Fernandes; ANDRADE, Francisco Ari de. História do Programa de Educação Tutorial e sua importância para a formação continuada dos bolsistas. In: ENCONTRO NACIONAL DO NÚCLEO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO, 14., 17-19, 2015, Fortaleza (CE). Anais... Fortaleza (CE): EdUECE, 2015. p. 364-372.
- NEVES, Diogo Sá das; MALTA, Shirley Cristina Lacerda. Ensino, Pesquisa e Extensão: existem dificuldades docentes no ensino superior para esta integração? **Form@re: Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica**. Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 2, n. 1, p.2-12, 2014. Disponível em: <<http://www.ojs.ufpi.br/index.php/parfor/article/download/2814/1615>>. Acesso em: 20 dez. 2019.
- PRATES, Eli Andrade Rocha et al. Ensino, pesquisa e extensão: indissociáveis? **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, n. 230, p.1-7, 2017. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd230/ensino-pesquisa-e-extensao-indissociaveis.htm>>. Acesso em: 22 dez. 2019.
- RAYS, Oswaldo Afonso. Ensino-Pesquisa-Extensão: notas para pensar a indissociabilidade. **Revista do Centro de Educação**, n. 21, p.1-10, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/download/5034/3051>>. Acesso em: 01 jan. 2019.
- REIMER, Marilene; ZAGONEL, Rosa Maria. A indissociabilidade consciente: uma reflexão sobre o cotidiano da docência. **Extensão em Foco: Extensão em Foco**, Curitiba, n. 9, p.50-60, 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/extensao/article/view/38916/23806>>. Acesso em: 23 nov. 2019.
- SANTOS, Marcos Ferreira dos. Ensino, pesquisa e extensão na universidade brasileira contemporânea: elucidações conceituais e articulações na prática educacional. **Revista Científica do Instituto Ideia**, Rio de Janeiro, p.209-225, 2016.
- SCARABUCI, Marcelo Augusto Dias. **A percepção da tríade acadêmica e dos agentes acadêmicos através da Competência em Informação (CoInfo). Uma experiência na Biblioteca Central da**

**Universidade de Brasília com os Jovens Talentos para a Ciência.** 2018. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência da Informação, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

SILVA, Rodolfo Dias da; BASSANI, Rodolfo; SANTO, Wilson Casemiro dos. Apontamentos sobre a Importância da Construção da Autonomia no Programa de Educação Tutorial. **Revista de Graduação Usp**, v. 2, n. 1, p.163-166, 2017. Disponível em: <[http://gradmais.usp.br/wp-content/uploads/2017/04/Gradmais3\\_R15\\_Rodolfos.pdf](http://gradmais.usp.br/wp-content/uploads/2017/04/Gradmais3_R15_Rodolfos.pdf)>. Acesso em: 23 ago. 2019.

SILVA, Thaís Leal; RESENDE, Gisele Silva Lira de. A docência no ensino superior: ensino, pesquisa e extensão. **Revista Facisa On-line**, Barra do Garças, v. 6, n. 2, p.32-46, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.faculdecathedral.edu.br/revistafacisa/article/view/219>>. Acesso em: 25 ago. 2019.

SILVA, Thiago Loreto Garcia da et al. A educação tutorial – reflexão de docentes sobre suas práticas. **Educação em Questão**, Natal, v. 39, n. 25, p.108-130, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4016/3283>>. Acesso em: 05 set. 2019.

SLEUTJES, Maria Helena Silva Costa. Refletindo sobre os três pilares de sustentação das universidades: ensino-pesquisa-extensão. **Rap**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 3, p.99-111, 1999. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/7639/6177>>. Acesso em: 20 dez. 2019.

SOUZA, Adenildo Vieira de. **O Programa de Educação Tutorial e as políticas de ações afirmativas no Ensino Superior: um olhar sobre o PET Indígena da UFAM.** 2018. 164 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociedade e Cultura na Amazônica, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018. Disponível em: [https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/6583/2/Disserta%c3%a7%c3%a3o\\_Adenildo%20Vieira](https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/6583/2/Disserta%c3%a7%c3%a3o_Adenildo%20Vieira). Acesso em: 20 ago. 2020.

TAUCHEN, Gionara. **O princípio da indissociabilidade universitária: um olhar transdisciplinar nas atividades de ensino, de pesquisa e de extensão.** 2009. 146 f. Tese (Doutorado) -, Programa de Pós-graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/3624/1/418585.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2020.

TORINA, Helen Furlan.; ALMEIDA, Larissa Oliveira; PAULA, Jayter Silva de. História do Programa de Educação Tutoria da FMRP-USP. **Revista da Faculdade de Medicina**, Ribeirão Preto, v. 49, n.4, p. 374-380, 2016. Disponível:<<http://www.periodicos.usp.br/rmrp/article/download/122731/119216/>>. Acesso em 17 set. 2019.

TOSTA, Rosa Maria et al. Programa de educação tutorial (PET): uma alternativa para a melhoria da graduação. **Psicologia Para A América Latina**, n. 8, p.1-8, 2006. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-350X2006000400004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2006000400004)>. Acesso em: 09 set. 2019.

UFMA. **Declaração de análise e aprovação da proposta de criação do Grupo PET.** Declaração. 2010.

UFMA. **Proposta de criação do Grupo PET Ciências Naturais campus Bacabal.** 2010. Coordenação do Curso de Ciências Naturais.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de Pesquisa.** 2 ed. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2013. 134p.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA COM OS INTEGRANTES DO GRUPO PET

### Dados Pessoais

Endereço de e-mail: \_\_\_\_\_

Nome completo: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Curso \_\_\_\_\_ ( ) Petiano Ativo ( ) Egresso

1 - Quais eram as suas expectativas com relação ao PET antes da primeira reunião que você participou oficialmente como integrante?
2 Qual a sua primeira impressão ao entrar no grupo PET e se essa impressão se confirmou ou não com o decorrer do tempo?
3 - Como é realizado o Planejamento Anual das atividades do PET Ciências Naturais? Ou seja, qual a metodologia adotada para a realização do Planejamento Anual das atividades do PET Ciências Naturais?
4 - Como o grupo se organiza para desenvolver as ações/atividades?
5 - Como funciona a prática tutorial no cotidiano do grupo? O papel desenvolvido pelo tutor? Pelo petiano?
5.a - Como se dá a relação entre os petianos?
5.b - Como se dá a relação entre petianos e tutor?
6 - Quais os desafios e as dificuldades enfrentados durante a realização das ações/atividades?
7 - A tríade ensino, pesquisa e extensão se efetiva no grupo PET Ciências Naturais? Em caso afirmativo, de que forma essa tríade ensino, pesquisa e extensão é efetivada?
7.a - Qual a importância da relação entre ensino, pesquisa e extensão na atividades desenvolvidas?
7.b - Qual a importância do Programa PET para a manutenção da tríade ensino, pesquisa e extensão?
8- Como funciona a avaliação interna de atividades do grupo PET Ciências Naturais?
9 - Quais as contribuições que o programa de educação tutorial proporcionou/proporciona para a sua formação? Acadêmica e profissional.
9.a - O que você destacaria sobre sua experiência adquirida no PET Ciências Naturais?
10 Qual a importância do PET Ciências Naturais para UFMA campus Bacabal e para a comunidade de modo geral?